

Inércia do Estado no apoio à pesquisa

A Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul (Fapergs) finalmente teve seu novo diretor-presidente anunciado em março, o médico-veterinário Rodrigo Mattos. A escolha partiu da lista tríplice encaminhada pelo Conselho Superior da entidade ao governo do Estado em 18 de dezembro de 2007. Mais antiga, entretanto, é a apatia do Rio Grande do Sul quanto a investimentos no setor, que nos dois últimos anos sequer chegou a 3% do percentual previsto.

Página Central



FOTOS FLÁVIO DUTRA/PROJETO CONTATO

CLÓVIS DE SOUZA PRATES/ASSESSORIA DE IMPRENSA HCRA



TRANSPLANTES

Cresce o cadastro nacional de doadores

O Registro Nacional de Doadores de Medula Óssea (Redome) tem atualmente 960 mil doadores registrados, o que o torna o maior sistema público do mundo. O coordenador do Redome e diretor do Centro de Transplantes de Medula Óssea do Instituto Nacional do Câncer, Luiz Fernando Bouzas, diz que a meta é alcançar 1 milhão de doadores cadastrados no primeiro semestre deste ano. Embora os transplantes de medula exijam um alto nível de compatibilidade genética, a maioria dos pacientes acaba recorrendo ao sistema público nacional. Lúcia da Rocha Silla, chefe do Serviço de Hematologia e Transplante do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, esclarece que esses procedimentos utilizam células-tronco da medula óssea e também do cordão umbilical. O médico Flávio Paraguassú-Braga, supervisor do Banco de Sangue de Cordão Umbilical e Placentário, estima que, quando o órgão atingir a meta de 50 mil cordões, somados aos doadores de medula óssea, o Brasil será autossuficiente na área de transplantes.

P11

MIGRAÇÃO

Brasileiros vivendo no Paraguai

Em torno de 500 mil brasileiros e seus descendentes vivem em território paraguaio, principalmente nas áreas de fronteira, constituindo quase 10% da população do país. Grande parte dessa migração ocorreu durante a ditadura comandada pelo general Augusto Stroessner, e hoje a economia do Paraguai está fortemente atrelada à atuação desses imigrantes, responsáveis por cerca de 90% das exportações de soja. O doutor em Desenvolvimento Rural pela UFRGS, Oscar Agustín Torres, acredita que as recentes invasões de terras de brasileiros por grupos de sem-terra são parte de uma estratégia para pressionar o governo do presidente Fernando Lugo. Os agricultores paraguaios querem a reforma agrária e a renegociação do Tratado de Itaipu. Segundo Torres, o problema é que os brasileiros detêm as áreas de melhor qualidade agrônômica do país, enquanto os paraguaios ocupam minifúndios pobres.

P10

RECONHECIMENTO

Paul Singer destaca pioneirismo da UFRGS na área da Economia Solidária

Página 6

LÍNGUA PORTUGUESA

A utopia da unificação

Linguistas questionam a justificativa de que o Acordo Ortográfico da língua portuguesa ampliará a comunicação entre países lusófonos. Para o chefe do Departamento de Linguística, Filologia e Teoria Literária do Instituto de Letras da UFRGS, Luiz Carlos da Silva Schwindt, uma maior divulgação da literatura brasileira a partir do acordo não vai

ocorrer porque não é a gramática que está mudando nem a forma como as frases se organizam (sintaxe), tampouco a forma como as palavras se constituem (morfologia). "Nenhum desses aspectos é atingido pela reforma e são esses os que mais importam à compreensão de um texto", assegura o professor.

P13

TRÂNSITO

Especialistas analisam problemas da capital

A quase completa ausência de investimentos federais e da maioria dos estados em transportes públicos e não-motorizados é apontada como uma das causas da situação caótica vivida nas grandes metrópoles brasileiras. Para o professor João Fortini Albano, doutor em Sistemas de Transporte e Logística, a crise de mobilidade urbana é também uma crise de desenvolvimento, uma vez que o êxodo rural provocou o crescimento desordenado das cidades. Já o secretário municipal de Mobilidade Urbana, Luiz Afonso Senna, aponta a expansão da classe média e a

ampliação dos prazos de financiamento para a compra de veículos como fatores que favoreceram o crescimento dos congestionamentos. Fábio de Cristo, do Laboratório de Psicologia Ambiental da UnB, diz que, além de estar ligado ao crescimento econômico do país e ao aumento do poder aquisitivo da população, o número de carros nas ruas cresce porque ele se transformou culturalmente no principal meio de transporte para quem prefere o conforto e a agilidade no uso instrumental do automóvel.

P5



Artigo

Convite à irradiação: a “Radiovisual” da 7.ª Bienal do Mercosul

“O mundo se transforma em função do lugar onde fixamos a nossa atenção; esse processo é aditivo e energético.”

A afirmação é do artista, compositor e escritor americano John Cage, em seu livro *Cage for the Birds*. Essa frase “me acompanha” desde 1979, quando a li pela primeira vez, e quanto mais o tempo passa, mais ela se torna, para mim, verdadeira. E o seu significado geral, aparentemente óbvio, simples, quase simplório, se mantém sempre potente.

Não pude deixar de lembrá-la, pensando na recente parceria formada entre a Fundação Bienal do Mercosul e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que atuarão em algumas iniciativas conjuntas, entre elas a *Radiovisual*, da qual sou cocuradora ao lado do artista Artur Lescher. O primeiro encontro, realizado entre o reitor Carlos Alexandre Netto, o diretor presidente da Bienal do Mercosul, Mauro Knijnik, e o cineasta Jorge Furtado, diretor institucional da 7.ª Bienal do Mercosul, em janeiro, e a agradável reunião que tivemos posteriormente na sede da Rádio da Universidade (com a presença do seu diretor, André Prytoluk; da Pró-reitora de Extensão, Sandra de Deus; do diretor da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Ricardo Sch-



CRISTIANO SANT'ANNA / INDICEFOTO.COM

neiders; do diretor técnico da rádio, engenheiro Luiz Sperotto Teixeira; e do secretário de Comunicação da UFGRS, Flavio Porcello) comprova mais uma vez a veracidade e a repercussão aditiva e energética contida na observação de Cage. A atmosfera que pairou nesse encontro foi realmente estimulante e revelou como duas grandes instituições gaúchas se empenharam em reunir forças, idéias e soluções para concretizar e expandir nosso projeto e transformá-lo, por sua vez, também, numa ação irradiativa e expansiva dentro da universidade.

A 7.ª Bienal do Mercosul, cujo título é *Grito e*

Escuta, acontece entre os dias 26 de setembro e 22 de novembro de 2009, em Porto Alegre, num formato inédito. A curadora independente Victória Noorthoorn e o artista chileno Camilo Yáñez, curadores gerais desta edição, reuniram uma equipe de curadores inteiramente formada por artistas. Lê-se no texto curatorial: “Na 7.ª Bienal do Mercosul os artistas ocupam o papel dos curadores, desenvolvendo o projeto das exposições e o projeto pedagógico, conceituando e coordenando o projeto editorial e suas publicações, a imagem e a comunicação da Bienal como um todo”.

A princípio, a *Radiovisual* irá ao ar durante o período da Bienal e será transmitida do charmoso e histórico prédio da Rádio UFRGS, no campus universitário, e do Cais do Porto, onde haverá também uma rádio-auditório com programação ao vivo. Como cocuradora, pretendo criar uma programação multidisciplinar, que reúna uma face estética, voltada a obras artísticas sonoras, e outra informativa, focada nas atividades da Bienal. Parte da programação será desenvolvida e produzida em equipe, incluindo os curadores do projeto, professores e alunos não só da área de comunicações e arte, como também de outras áreas diversas do conhecimento. Essa parceria, sem dúvida, irradia e irradiará várias ações e conteúdos: debates, entrevistas, conferências, performances, diálogos com artistas e entre os artistas, curadores, técnicos, cientistas, e reverberará na comunidade, amplificando e aprimorando as relações entre a Bienal, os artistas e o público, entre a Universidade, seus alunos, professores, técnicos, e toda a comunidade do estado do Rio Grande do Sul. Teremos ainda uma estação da *Radiovisual* na web, o que, por sua vez, ampliará ainda mais nossas ondas sonoras para muitos e muitos ouvintes.

A *Radiovisual* nasce e torna-se possível graças a essa ação conjunta da UFRGS e da Fundação Bienal do Mercosul, que revelaram nesse acordo uma visão prospectiva, de aposta na parceria, na experimentação em equipe e na renovação de conteúdo e ideias. Todos certamente sairão diferentes dessa experiência, reenergizados e transformados, de algum modo. “Happy new ear”, finalizando também com John Cage, que, aliás, estará presente na 7.ª Bienal do Mercosul.

Lenora de Barros
cocuradora da 7.ª Bienal do Mercosul,
poeta e artista visual

Espaço da Reitoria

Compromissos e ações

A comunidade acadêmica e a sociedade veem com interesse o novo tempo da educação superior no país. A adesão massiva das IFES ao Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), proposto pelo governo federal, resultou num movimento inédito de democratização do acesso a partir da criação de novos cursos e da expansão rumo ao interior.

O ano letivo se inicia na UFRGS com a maior expansão ocorrida em seus 75 anos de existência – 244 novas vagas na graduação presencial. Havendo contratado mais de 250 servidores docentes e técnico-administrativos em 2008, foi lançado recentemente Edital de concurso para 70 vagas de técnico-administrativos e 93 novas vagas docentes foram distribuídas entre o conjunto das Unidades. Um forte trabalho acadêmico vem sendo realizado para concretizar a expansão programada para os anos 2010 e 2011.

Importantes ações na área da cultura irão destacar o papel fundamental da UFRGS no cenário da cidade. A Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (OSPA) voltará a realizar concertos no Salão de Atos a partir do mês de abril, marcando o retorno ao seu teatro de origem. O programa “Vale Doze e Trinta” reedita projeto bem-sucedido agora com a participação de bandas locais em apresentações mensais no Câmpus do Vale. Também iniciamos inovadora parceria com a Bienal do Mercosul, evento marcante das artes e de relevância internacional. O projeto Unimúsica, em funcionamento há 28 anos, terá a série “Cancionistas, música de hoje”, com início em abril. Neste novo tempo, a UFRGS alia a democratização do acesso ao conhecimento e à cultura, honrando, assim, seu compromisso maior com a sociedade gaúcha.

Carlos Alexandre Netto
Reitor

Memória da UFRGS



ACERVO MUSEU DA UFRGS

Década de 1950

O Instituto de Física, que completou 50 anos de atividade em 9 de março, funcionava no prédio hoje conhecido com Anexo 1 da reitoria, no Câmpus Centro da Universidade. Em setembro de 1985, foi transferido para as atuais instalações no Câmpus do Vale.

Mural do leitor

Bom exemplo

Sou funcionário do Instituto de Química há 28 anos e observo o mau hábito do furo na fila dos Restaurantes Universitários. Recentemente, um grupo de alunos do Instituto de Física preparou cartazes com textos de muito bom gosto, que foram afixados no caminho da fila do restaurante situado no Câmpus do Vale. Penso que é um

tema a ser divulgado, pois a cidadania se constrói também desta forma. Além disso, é a primeira vez que vejo uma iniciativa educacional, dentro da UFRGS, partir de alunos. A campanha merece, portanto, todo apoio e reconhecimento de nossa Universidade.

Luiz Fernando Magalhães Reis,
técnico do Instituto de Química



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Av. Paulo Gama, 110 - Bairro Farroupilha, Porto Alegre - RS | CEP 91046-900
Fone: (51) 3308-7000 | www.ufrgs.br

Reitor
Carlos Alexandre Netto
Vice-reitor
Rui Vicente Oppermann
Chefe de Gabinete
João Roberto Braga de Mello
Secretário de Comunicação Social
Flávio Porcello

JORNAL DA UNIVERSIDADE
Publicação mensal da Secretaria de Comunicação Social da UFRGS
Fones: (51) 3308-3368 / 3308-3497

Conselho Editorial
Artur Lopes, Daltro José Nunes, Dirce Maria Antunes Suertegaray, Edson Luiz Lindner, Fernando Cotanda, Maria Henriqueta Luce Kruse, Rudimar Baldissera, Sandra de Deus, Sérgio Marley Modesto Monteiro

Editora-chefe
Ánia Chala
Repórteres
Caroline da Silva e Jacira Cabral da Silveira
Projeto gráfico
Juliano Bruni Pereira
Diagramação
Aluisio Pinheiro
Fotografia
Cedinho Andrade e Flávio Dutra
Revisão
Antônio Falcetta
Colaboraram nesta edição
Bruna Goss, Fagner Nogueira, Pedro Cassel e Rafael Gloria
Circulação
Márcia Fumagalli
Fotolitos e Impressão
Gráfica da UFRGS
Tragem 12 mil exemplares

Os textos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores

jornal@ufrgs.br

Mudança de endereço

Os servidores que desejarem ter seus endereços alterados para recebimento de correspondências da UFRGS, como o Jornal da Universidade e o contrache, devem dirigir-se diretamente à Divisão de Cadastro e Registro da Pró-reitoria de Gestão de Pessoas (Av. Paulo Gama, 110 - 4º andar). Mais informações pelo telefone 3308-3045.

Ciência

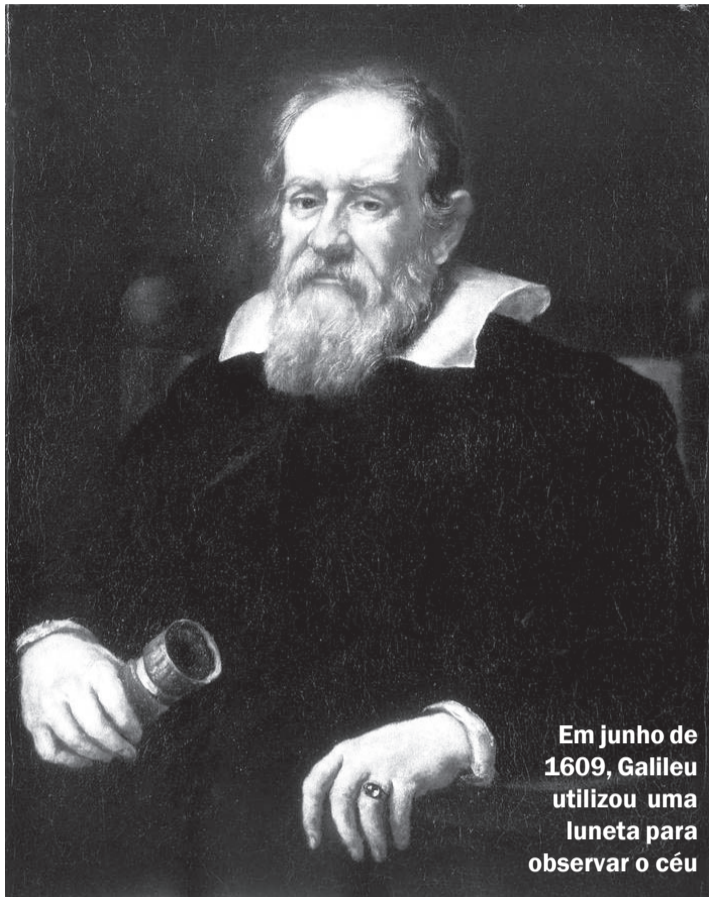
Universidade comemora Ano Internacional da Astronomia

Há quatro séculos, quando o astrônomo Galileu Galilei (1564-1642) fez as primeiras observações da Lua e dos satélites de Júpiter, a ciência deu um passo fundamental rumo à compreensão do cosmos. Com o novo instrumento, Galileu fez uma série de descobertas que confirmavam a teoria heliocêntrica, o que lhe custou uma advertência, depois um processo da Inquisição e, finalmente, a condenação à prisão. Porém, as evidências que reuniu minaram definitivamente o sistema defendido pela Igreja, encorajando outros cientistas a desafiar o que era dado como certo.

Lembrando o feito de Galileu, a Organização das Nações Unidas declarou 2009 o Ano Internacional da Astronomia (AIA), que será marcado por celebrações em todo o mundo. No Brasil, formou-se uma rede de instituições de ensino e pesquisa, sociedades científicas e clubes de amadores em torno da organização de uma série de atividades que visam à divulgação da Astronomia. Na Universidade, a abertura das comemorações deu-se em 20 de janeiro, no Planetário, com show musical do grupo gaúcho *Astronomusic*, palestra pública e observação ao telescópio.

Maria Helena Steffani, diretora do Planetário, diz que a UFRGS já vem desenvolvendo ações regulares de divulgação da Astronomia há muito tempo. “Mas, neste ano, o Departamento de Astronomia, o Planetário, o Observatório Astronômico e o Observatório Educativo Itinerante estão unidos para oferecer observações do céu, cursos, minicursos, oficinas, palestras, aulas especializadas, exposições, etc., para o público em geral e para professores e profissionais de divulgação científica”, acrescenta.

Em abril, o ponto alto da programação será o projeto *100 horas de Astronomia* – uma proposta global a ser realizada



Em junho de 1609, Galileu utilizou uma luneta para observar o céu

do dia 2 ao dia 5, com a adesão de vários países, que consiste numa vasta seleção de atividades de divulgação, incluindo observações do céu por meio de telescópios instalados junto aos monumentos-símbolo de grandes cidades, palestras, etc. Em Porto Alegre, haverá um telescópio na Usina do Gasômetro. “O principal objetivo é proporcionar ao público o maior número possível de observações do céu. No mundo todo, pretende-se que 10 milhões de pessoas olhem as estrelas através de telescópios. No Brasil, a meta é atingir um milhão de observações”, revela a professora. A atividade será desenvolvida das 19h às 22h em parceria com o Conselho Municipal de Ciência e Tecnologia (Comcet) e a Prefeitura de Porto Alegre. Turmas escolares devem agendar horário com a secretaria do Planetário, de segunda a sexta-feira, pelo telefone 3308-5384.

No pátio do Planetário haverá outro telescópio disponi-

vel para observação do Sol durante os dias 2 e 3 de abril, e também na edição do Projeto Selene (observação noturna, a partir do pôr-do-sol) nos dias 4 e 5 de abril. Além disso, no dia 9, no Teatro de Câmara, haverá mais uma edição do show *Astronomusic*, incluindo a observação do céu com telescópio. Finalmente, no dia 24, nova oportunidade de observação no Aeroclube de Eldorado do Sul, precedida de palestra sobre a Bandeira do Brasil.

Em 20 de julho, data de aniversário da chegada do homem à Lua, deverá ser lançada a exposição *Em casa, no universo*, no Museu da UFRGS. “Afinal, muito da tecnologia que temos hoje se deve à corrida espacial iniciada nos anos 60”, lembra Maria Helena. O desenvolvimento de toda a programação tem o apoio das Pró-reitorias de Pesquisa e de Extensão da UFRGS. Mais informações sobre as atividades podem ser acessadas pelo endereço www.astronomia2009.org.br.

Viva mais Progesp investe na qualidade de vida dos servidores

Foi apresentado à comunidade da UFRGS, no dia 25 deste mês, o programa *Viva Mais*, organizado pelo Departamento de Atenção à Saúde da Pró-reitoria de Gestão de Pessoas. A iniciativa tem a coordenação do médico Alexander Daudt e oferece atividades físicas, como caminhadas orientadas, além de palestras sobre saúde e momentos artísticos. O programa é gratuito e aberto à participação de professores, técnicos, estudantes e aposentados, não necessitando de inscrição prévia. Para o mês de abril, estão previstas ações de imunização, com a aplicação de vacinas. Mais informações sobre o *Viva Mais* no site www.ufrgs.br/prorh/dacom/vivamais1 ou pelos telefones 3321-3249 e 3321-3106, com Genisa ou Valentina.

Encontro Veterinária promove conferência internacional sobre leite

O Laboratório de Inspeção e Tecnologia de Leite e Derivados, Ovos e Mel (Leitecia) da Faculdade de Veterinária da UFRGS e a Embrapa Clima Temperado promovem a *I Conferência Internacional sobre Leite Instável*, que será realizada em Pelotas nos dias 23 e 24 de abril. Os problemas causados pelo Leite Instável Não-Ácido (Lina) têm prejudicado o desenvolvimento da cadeia produtiva do leite no país, resultando em descarte de matéria-prima, atritos entre produtores e indústria, problemas de processamento, perdas no rendimento industrial, na qualidade e competitividade dos produtos lácteos no mercado nacional e internacional. A conferência reunirá representantes de institutos de ensino e pesquisa latino-americanos. Mais informações pelo site www.cpact.embrapa.br/eventos/2009/lina/index.php ou pelo telefone 3308-9995.

Bolsas Pós-graduação na Alemanha em Comunicação

A DW Akademie, instituto de formação profissional da Deutsche Welle, a emissora internacional da Alemanha, está oferecendo 15 bolsas integrais para seu primeiro curso de pós-graduação master “International Media Studies (IMS)”, cujas aulas terão início em setembro de 2009. O curso bilíngue resulta de parceria entre a Deutsche Welle, e as universidades de Bonn e de Ciências Aplicadas (Fachhochschule) de Bonn-Rhein-Sieg. O programa abrangerá meios de comunicação e desenvolvimento, jornalismo e gestão de meios de comunicação. Os candidatos têm de possuir bacharelado, além de pelo menos um ano de experiência profissional na área de comunicação, como jornalista, gestor de veículo de comunicação ou assessor de comunicação. É necessário ter proficiência tanto em inglês quanto em alemão. O prazo final para candidaturas encerra em 31 de maio. Informações pelos sites www.ims-master.de e www.dw-akademie.de.



UFRGS TV

Unimúsica Guinga: artista inspirado pela simplicidade

Redação UFRGS TV



Carlos Althier de Souza Lemos Escobar, conhecido como Guinga, é considerado um dos maiores compositores brasileiros da atualidade, reconhecido pelo talento com que explora aspectos do cotidiano em uma produção marcada por forte brasilidade. Guinga desenvolveu um estilo próprio de fazer música, estruturado pelo uso do violão. E foi com uma execução melódica e harmoniosa desse instrumento que o músico carioca se apresentou no Salão de Ato da UFRGS, pelo projeto Unimúsica, em espetáculo a ser exibido pela UFRGS TV.

O programa traz algumas canções importantes da obra do violonista, como *Senhorinha*, composta especialmente para suas filhas, e *Choro pro Zé*, música em homenagem ao saxofonista Zé Nogueira iniciada em 1977 e terminada somente quatorze anos depois. Como ele faz questão de frisar, elementos como a amizade e o carinho próprio das relações humanas inspiram suas composições: “A inspiração, para um artista, vem dos personagens do cotidiano, das manifestações de amor e de afeto, da saudade de um amigo, da saudade de um lugar, de uma esperança de futuro, de uma coisa que eu não vivi. Em tudo há espaço para você se inspirar”.

A inspiração do artista também está relacionada à sensibilidade com a qual ele se relaciona com o público em seus shows. Elogiado por muitas de suas composições instrumentais, Guinga procura fugir dos rótulos e diz que não se preocupa se uma música vai ter letra ou não. “Quando componho, penso sempre numa melodia. Eu acho que a música tem de ter vida própria, tem de viver por si só. Se ela tem palavras e elas são belas, melhor pra melodia. Se não possui palavras, tem de ter uma vida autônoma. Pra mim não existe música se não houver melodia, e o fato de ela ser instrumental ou não é uma consequência”.

Assista aos programas

O espetáculo com o compositor e instrumentista pode ser conferido no *Especial Unimúsica*, que a UFRGS TV leva ao ar no dia 10 de abril, a partir das 21h30min, na UNITV, canal 15 da NETPOA.

Extensão Orelhões culturais



O Departamento de Difusão Cultural (DDC) da Pró-reitoria de Extensão encontrou uma nova forma de chamar a atenção da comunidade universitária para suas ações: 30 estruturas de orelhões irão servir de pontos de divulgação das agendas com a programação cultural. A partir do mote “te liga na cultura”, a equipe do DDC entrou em contato com a empresa de telefonia Brasil Telecom e obteve a doação do equipamento. O material está sendo customizado por um grupo de bolsistas do Instituto de Artes, coordenado pelo professor Rodrigo Núñez (foto), e tem despertado a curiosidade do público que frequenta o Câmpus do Vale, primeiro local a receber a novidade. A pintura das estruturas teve início no lançamento do projeto *Vale Doze e Trinta*.

Ensino técnico Instalado o Câmpus Porto Alegre do IFRS

No dia 5 deste mês, o Ministério da Educação promoveu a inauguração, em todo o país, dos novos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. O Câmpus Porto Alegre do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) ficará provisoriamente sediado no prédio da antiga Escola Técnica da UFRGS. No ato solene de instalação do Câmpus, o seu diretor-geral, o professor Paulo Roberto Sangoi, agradeceu o apoio irrestrito da Universidade às iniciativas do MEC para o ensino profissional e tecnológico. A reitora do IFRS, Cláudia Schiedeck Soares de Souza, disse esperar a continuidade do trabalho conjunto com a UFRGS, afirmando que o Instituto será referência no Brasil pela construção coletiva, pelo respeito à pluralidade e pela ousadia. O reitor Carlos Alexan-



Escola Técnica integrará o Câmpus Porto Alegre do Instituto

dre Netto declarou-se parceiro na trajetória de autonomia da Escola Técnica como câmpus do novo órgão: “O IFRS é uma instituição que nasce com o apoio da UFRGS”. O ano de 2009 será de transição para a estrutura que pertencera à Universidade: 7,5 mil m², com 22 salas de aula, dois auditórios, 10

salas multimídia, 39 laboratórios e biblioteca. Além desse câmpus, o Instituto Federal do Rio Grande do Sul é formado pelos núcleos da Restinga, em Porto Alegre, e de Erechim, Sertão, Canoas, Rio Grande, Caxias do Sul, Osório e Bento Gonçalves – onde será instalada a futura sede da reitoria.



Extensão: encontro com o próprio caminho

Ana Laura Colombo de Freitas*

Ainda no início do curso de Jornalismo, percebi que escolhera uma profissão na qual, muitas vezes, havia um descompasso entre o fazer o que se gosta (ou se acredita) e o sobreviver. Em geral, as pessoas têm empregos que vão ao encontro dos seus princípios, e algumas conciliam atividades voluntárias paralelas para satisfazer vontades pessoais. Minha opção, por ser bolsista de Extensão (primeiramente voluntária e, no segundo ano, simbolicamente remunerada) no projeto Unimúsica do Departamento de Difusão Cultural, foi a conscientização de que eu devia aproveitar para fazer o que gostava enquanto não precisasse me sustentar sozinha.

De saída, o trabalho junto ao Unimúsica se colocou como um aprendizado complementar à minha formação acadêmica. Por um lado, o primeiro ano dentro do projeto propiciou que, pela primeira vez em minha carreira, eu lidasse com assessoria de imprensa — uma das áreas do mercado com maior espaço para a atuação de jornalistas e sobre a qual não temos uma aula sequer durante a graduação. Por outro, o dia-a-dia da assessoria de imprensa permitiu-me ver mais de perto e sob nova ótica a especialização com a qual eu, desde então, queria trabalhar: o jornalismo cultural. Enquanto buscava espaço midiático para a divulgação dos espetáculos, aprendi muito sobre os mecanismos e os critérios que norteiam as editorias de cultura.

No segundo ano, passei a vivenciar o jornalismo musical na prática, quando me propus a produzir documentários sobre o Unimúsica para a rádio da Universidade em programas de uma hora veiculados mensalmente. Ali, na verdade, tive um laboratório para exercitar o que aprendera nas disciplinas de rádio da Fabico. Além de me encarregar da reportagem, seleção de músicas, locução e de acompanhar o processo de edição, a realização do programa Unimúsica Documenta representava uma maneira de divulgar, registrar e refletir sobre música, cumprindo um papel que era justamente o que me atraía na ideia de atuar na área jornalística musical. Paralelamente a essas duas fun-



ções diversas, ainda pude assumir tarefas de apoio à produção do Unimúsica e vivenciar seus bastidores. Foi assim que me aproximei de algumas

noções de produção cultural, área que despertou meu interesse e se colocou como um caminho possível, caso não conseguisse seguir carreira

como jornalista cultural. Para mim, tratava-se de uma maneira de conviver e intervir no meio cultural em um mercado, à época, ainda menos

“O trabalho junto ao Unimúsica foi um aprendizado complementar à minha formação

saturado que o do jornalismo cultural. Além disso, também conheci de perto o trabalho dos músicos que subiam mensalmente ao palco do Salão de Atos da UFRGS. Tanto nos espetáculos, oficinas, palestras e seminários quanto na conversa informal com os convidados do projeto, aprendi muito sobre música, em uma experiência privilegiada para quem pretendia seguir uma área especializada do jornalismo.

Ao contrário do que acontecia em estágios que tive fora da Universidade, o trabalho na Extensão me fazia sentir útil. Em lugar de me designarem a funções que ninguém queria fazer dentro da Universidade, abriram espaço para que eu propusesse a melhor maneira de colaborar como jornalista. Resultado: talvez pudesse ter ganhado mais dinheiro em outros estágios, mas, certamente, não teria aprendido e vivenciado tanto a área com a qual eu tencionava trabalhar profissionalmente. Além dessas vivências que complementaram a minha formação acadêmica, no sentido da especialização desejada, acabei adquirindo uma experiência que ainda hoje consta como ponto alto no meu currículo, em função da visibilidade que tem um dos projetos musicais de maior envergadura no estado. A atuação no Unimúsica foi, assim, um misto de fazer o que gostava, participar de uma ideia em que acreditava, aprender e ainda oferecer à Universidade algo em troca do ensino gratuito que recebia.

* Jornalista e mestrande em Comunicação e Informação pela UFRGS

Motivação e criatividade na Iniciação Científica

Carlos Perez Bergmann*

Dados informam que 45% dos bolsistas de Iniciação Científica (IC) foram para a pós-graduação na UFRGS e 50% para a pós-graduação no Brasil inteiro. Esses dados vão ao encontro dos objetivos do programa do Conselho Nacional para o Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Além disso, os melhores quadros profissionais do país na área de Engenharia foram bolsistas de IC, com destaque a pesquisadores em centros de pesquisa, diretores de grandes empresas, a absoluta maioria dos atuais professores-pesquisadores de diversas áreas, dirigentes de universidades federais e privadas, bem como formadores de opinião e gestores de pesquisa e órgãos de fomento ao desenvolvimento.

Antes de começar a escrever este artigo, resolvi perguntar a alguns alunos e ex-alunos que haviam sido bolsistas de IC quais eram suas experiências pessoais. Uma aluna de doutorado, atualmente na França, diplomando-se em cotutela, disse que seu primeiro contato com o curso de Engenharia de Materiais foi ainda antes do vestibular, ao visitar o laboratório no qual, no primeiro ano de graduação, iria tornar-se bolsista voluntária de IC. Assim, a oportunidade de iniciação científica que vivenciou foi, num primeiro momento, uma descoberta do que seria o curso que havia escolhido, para, em seguida, tornar-se *hobby*, paixão e profissão.

Nas Engenharias, em que os primeiros dois anos de formação são dedicados às cadeiras básicas de matemática, física e química, muitas vezes é a iniciação científica que mantém o aluno motivado. Por outro lado, a Iniciação pode ser o primeiro contato do aluno com os problemas técnicos que ele irá encontrar no ambiente industrial e/ou científico, oferecendo-lhe capacitação em metodologia científica. Para os que buscam o ramo industrial, abre-se um canal de contato com empresas do setor industrial por meio do desenvolvimento de projetos Universidade-Indústria. Enfim, além de motivar o aluno no curso, a Iniciação Científica pode e deve ser considerada um complemento à sua formação como Engenheiro, tornando-se talvez a ponte para futuro campo de trabalho.

Outro ex-aluno manifestou-se dizendo que a Iniciação Científica mudou sua vida. Foi IC por três anos. Em 1996, ganhou o prêmio Jovem Pesquisador do Salão de Iniciação Científica da UFRGS, o que foi decisivo para que fizesse mestrado e doutorado na Universidade.

Na opinião de outro aluno, hoje profissional na indústria, “a Iniciação Científica foi determinante para minha permanência no curso. Foi o que me deu motivação para avançar nas matérias básicas da Engenharia — cálculo, química, etc., e posteriormente aplicar os conhecimentos adquiridos nas cadeiras específicas. No

laboratório também pude ter a visão sob o ângulo tanto da indústria quanto da vida acadêmica, o que me ajudou a definir qual linha de trabalho seguir”.

Outro depoimento assegurou: “Quem faz Iniciação Científica amplia seus horizontes e sua visão de mundo. Essas atividades incentivam o estudante a participar de congressos e eventos que promovam discussões e reflexões sobre sua área de estudos e sobre sua futura área de trabalho. Também ajudam o aluno a se organizar e se concentrar melhor, além de desenvolver o espírito crítico e a criatividade, benéficos para qualquer profissão”.

Muito da minha experiência como professor orientador de bolsistas de IC pode ser resumida nesses depoimentos. Faltou talvez incluir o espírito de grupo que esses jovens aprendem a desenvolver no trabalho em equipe, convivendo no laboratório com outros alunos de graduação, de mestrado e de doutorado, participando de projetos de pesquisa, dissertações e teses de doutorado, tendo de cumprir tarefas e atingir metas. Enfim, participe (e, com frequência, artífices!) do desenvolvimento científico/tecnológico tão importante à sociedade e ao país.

O sucesso do futuro profissional de nossos alunos depende do conjunto de suas capacidades e das oportunidades que o mercado venha a oferecer. Nós, professores, não temos como in-

terferir diretamente nas oportunidades do mercado, mas temos, sim, enorme responsabilidade no desenvolvimento de suas capacidades técnicas com vistas a sua futura profissão. Essa experiência única da IC na vida do aluno, porém, não é acessível a todos, pois os recursos são limitados. Mas é sempre possível conseguir mais.

Buscar meios para que nossos alunos tenham a iniciação científica como atividade extracurricular passou a ser uma das tarefas que mais tempo tem tomado dos docentes, especialmente em uma área como Engenharia. O compromisso com a formação de futuros profissionais nos obriga a estarmos atentos à dinâmica da sociedade em que vivemos. Assim, buscar demandas do setor industrial em termos de desenvolvimento científico-tecnológico, e na forma de projetos de pesquisa, é o modo mais direto e efetivo de viabilizar recursos financeiros que possibilitem um maior número de alunos bolsistas de IC. Essa é a maneira de realizar nosso trabalho: não nos balizando pelas limitações tão conhecidas do sistema federal de ensino superior, mas alargando suas possibilidades, criando e, cada vez mais, melhorando as condições de ensino e pesquisa, e disponibilizando-as aos nossos alunos e à sociedade.

* Professor do Programa de Pós-graduação em Engenharia de Minas, Metalúrgica e de Materiais

Soluções para o trânsito

Mobilidade
Congestionamentos monstruosos, como os de São Paulo, servem de exemplo do que se deve evitar

Ruas e avenidas trancadas por centenas de automóveis. O barulho dos motores e buzinas, a poluição da fumaça emitida pela queima dos combustíveis e a irritação de motoristas estressados são elementos de um cenário que já faz parte da rotina das grandes metrópoles brasileiras.

Paulo Resende, professor e pesquisador da Fundação Dom Cabral, de Minas Gerais, desenvolveu um estudo em quatro grandes cidades brasileiras — São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Porto Alegre —, em que concluiu que o trânsito da capital paulista irá parar em cinco anos, restando a Porto Alegre entre 10 e 15 anos. “A capital gaúcha tem capacidade para sair à frente em investimentos que farão com que a cidade não tenha de chegar ao ponto atingido por São Paulo e Rio de Janeiro”, diz Resende.

História — Para o secretário municipal de Mobilidade Urbana, Luiz Afonso Senna, o fenômeno dos congestionamentos não é novidade. “Todos os países desenvolvidos do mundo já passaram por esse estágio, e agora o Brasil está chegando a ele.”

“A crise de mobilidade urbana é uma crise de desenvolvimento urbano. Em nosso país, começou lentamente há uns 30 anos, quando se tornou evidente o êxodo rural. Hoje, temos mais de 80% da população residindo no meio urbano, as cidades incharam”, explica João Fortini Albano, professor da Engenharia de Produção e Transportes da UFRGS e doutor em Sistemas de Transportes e Logística.

O crescimento econômico do país expôs a falta de planejamento e preparo para suportar a expansão da frota de veículos nas ruas. “Esse crescimento levou ao aumento da classe média e a primeira coisa que a classe média faz, no mundo inteiro, é comprar carro”, acrescenta Senna. Outros fatores, como a ampliação dos prazos de financiamento e a queda das taxas de juros, possibilitaram um aumento de 14% no emplacamento de veículos em 2008, em comparação com 2007, segundo dados da Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores (Fenabrave). Em Porto Alegre, existem mais de 610 mil veículos nas ruas, com aproximadamente 100 carros novos por dia. “Temos até 90 meses para financiar um veículo. Portanto, quando alguém compra uma moto financiada em 72 vezes, paga menos do que pagaria pelo transporte por ônibus. Isso dá uma ideia do efeito do crédito sobre o aumento da frota”, revela Paulo Resende. “Em contrapartida, observa-se a quase completa ausência de investimentos federais e da maioria dos estados em transportes públicos e não-motorizados. Estamos na contramão das medidas de sustentabilidade”, critica o arquiteto e urbanista Nazareno Stanislau Afonso, superintendente da Associação Nacional de Transportes Públicos.

Na opinião dos especialistas, a falta de inspeção veicular é outro fator que contribui para a formação de congestionamentos. Grande parte da frota que transita pelas ruas é velha e sem condições de segurança, frequentemente quebrando, causando acidentes e obstruindo o tráfego — fora o fato de ser mais poluidora. Com as facilidades de crédito, entram em circulação novos modelos, mas os antigos continuam circulando.

Alternativas — Porto Alegre ainda apresenta baixos níveis de engarrafamentos. Em comparação com São Paulo, onde o número de carros chega a 6 milhões e os congestionamentos superam os 100 km, pode-se dizer que temos um trânsito tranquilo. Mas o caminho é o mesmo para todas as cidades, e medidas precisam ser tomadas antes que a capital gaúcha alcance os índices da metrópole paulista.

As alternativas para diminuir a intensidade do tráfego envolvem um complexo encaminhamento de soluções. Algumas, relativamente simples, como o reescalonamento dos horários de início e fim das jornadas de trabalho, no intuito de alargar e dissolver os horários de pico. Outras, mais complexas, como o aumento do sistema viário (construção de viadutos e novas vias). Um sistema de monitoramento do tráfego por meio de câmeras está sendo implementado em Porto Alegre, o que permitirá a resolução de possíveis problemas com maior rapidez. “Mas mesmo com tudo isso, se continuar crescendo a frota de automóveis, obviamente teremos mais congestionamentos”, alerta Senna.

Investimentos no sistema de transporte público, aliados a políticas de restrição e inibição do uso de automóveis, são unanimemente consideradas medidas óbvias. “Se a cidade qualificar o sistema de transporte público, ele se tornará mais atraente para a população e, por consequência, diminuirão os carros nas ruas”, explica João Albano.

Observa-se a quase completa ausência de investimentos federais e da maioria dos estados em transportes públicos e não-motorizados

O projeto Portais da Cidade, da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, foi desenvolvido com esse objetivo. Por meio de parceria público-privada, pretende-se construir grandes terminais nas imediações do centro da cidade, de forma a interligar os corredores de ônibus da zona Sul e da zona Norte e diminuir a circulação dos transportes coletivos na área central.

Para viabilizar o projeto, algumas obras de maior volume precisarão ser feitas. Está previsto um túnel na avenida Borges de Medeiros, passando por



Engarrafamentos em pontos estratégicos, como a Avenida Mauá, fazem parte da rotina dos porto-alegrenses

baixo da rua dos Andradas, para que a esquina democrática não seja desfeita. Há também a proposta de construção de um viaduto sobre a rua Conceição, em frente à rodoviária, para que os ônibus possam trafegar na avenida Júlio de Castilhos nos dois sentidos. O investimento total alcançará aproximadamente R\$ 300 milhões.

Copa do Mundo — Na disputa para sediar alguns dos jogos da Copa de 2014, Porto Alegre deverá passar por mudanças estruturais para receber os milhares de turistas que virão com os jogos. Obras como a duplicação da avenida Beira-Rio e a lendária linha 2 do metrô aguardam a disponibilidade dos recursos do Governo Federal para serem encaminhadas.

A conclusão da maioria das obras está prevista para 2012, sendo que até 2014 também devem ser implementados 50 quilômetros de ciclovias.

Quanto à possibilidade de um colapso no trânsito, o professor João Albano se mantém confiante até mesmo para São Paulo. “Sou otimista, acho que a inteligência humana não permitirá isso. Chegará o ponto em que as autoridades terão de tomar atitudes enérgicas”, diz. A opinião é compartilhada por Luiz Afonso Senna: “Não existe notícia, na história, de cidades que pararam, e não consigo imaginar por que seríamos o primeiro caso no mundo”, conclui.

Pedro Cassel, estudante do 5º semestre de Jornalismo da Fabco

Os dois lados do automóvel

Como diz o velho jargão publicitário, “brasileiro é apaixonado por carro”, mas é preciso entender a origem desse fascínio e o que ele simbolicamente representa para a sociedade. Para o psicólogo Fábio de Cristo, doutorando pela UnB, o significado do automóvel vai além de um simples meio de locomoção. “Ele é um símbolo de status, prestígio, poder, realização pessoal e liberdade, capaz de influenciar o conceito que temos de nós mesmos”, explica Fábio, também ligado ao Laboratório de Psicologia Ambiental (UnB), onde desenvolve estudos sobre o comportamento humano no trânsito. A compra massiva de automóveis está relacionada a vários motivos, que podem ser individuais, sociais, culturais e econômicos. O número de carros nas ruas cresce porque ele se transformou culturalmente no principal meio de transporte para as pessoas que preferem o conforto, a rapidez, a segurança e a agilidade no uso instrumental do veículo — e que buscam também as emoções evocadas pelo ato de dirigir, sejam elas de prazer, excitação ou mesmo de tranquilidade. A propriedade e o uso de um automóvel podem significar, ainda, a expressão do indivíduo, seu jeito de ser, o grupo social a que pertence e até influenciar a visão que tem sobre a vida. “Sentimentos de autoestima, autonomia, proteção e prestígio estão mais associados às

pessoas que usam carro do que às que usam transportes públicos, configurando-se verdadeiros ganhos psicológicos e sociais que sustentam a preferência pelo volante”, completa Fábio.

A emoção e a tranquilidade, porém, terminam no momento em que o motorista se depara com um enorme congestionamento. O desgaste, que provoca dores físicas, também afeta o estado psicológico do motorista, causando irritação e estresse capazes de alterar seu comportamento. “Temos observado as reações agressivas das pessoas no trânsito, visando causar danos físicos ou psicológicos de modo intencional em alguém”, diz Fábio. Ou seja, uma simples fechada ou um olhar cruzado mal-interpretado podem ter efeitos desproporcionais. Outro aspecto observado por Fábio é que, em função da perda de tempo nos engarrafamentos, os motoristas tendem a compensar aumentando a velocidade do veículo em outros trechos, o que faz crescer o risco de acidente. Dados da Polícia Rodoviária Federal mostram que mais de 90% dos acidentes são causados por erros humanos associados a cansaço, distração, imprudência e estresse. “Os engarrafamentos estimulam comportamentos de raiva e agressividade que, por sua vez, se associam ao comportamento infrator de trânsito”, alerta o psicólogo.



Paul Singer conhece programas da UFRGS

Transgressão

O Secretário Nacional de Economia Solidária ficou entusiasmado com as iniciativas pioneiras da Universidade

Jacira Cabral da Silveira

Emoção, mais do que formalidade, esse foi o clima com que o economista Paul Singer foi recebido pelo reitor em exercício, Rui Oppermann, no dia 13 de março, quando visitou a UFRGS na função de Secretário Nacional de Economia Solidária do Ministério do Trabalho e Emprego. Acompanhado do diretor de Fomento da Secretaria, Dione Manetti, Singer veio instalar no Estado o primeiro Núcleo de Assistência Técnica para trabalhadores que não têm *expertise* em construção e que atuarão nos próximos investimentos em habitação.

Compareceram ao encontro informal no Salão Verde da reitoria professores de diferentes departamentos da Universidade que têm trabalhado questões de economia solidária em disciplinas ou atividades de extensão. Pela Escola de Administração, esteve presente a professora Rosinha Carrion, que coordena o Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Estudos sobre o Terceiro Setor e atua na linha de pesquisa sobre temas como gestão social e iniciativas populares de produção e trabalho (Economia Social).

O professor Carlos Schmidt e o técnico-administrativo Gilmar Gomes apresentaram ao secretário o Núcleo de Economia Alternativa, ligado à Faculdade de Ciências Econômicas. Schmidt ministra duas disciplinas que envolvem a questão da economia solidária: Economia solidária e autogestão, no curso de especialização em Relações do Trabalho, e Transferência social e regulação econômica, nos cursos de mestrado e doutorado acadêmicos.

Com ações mais recentes, falaram pela Faculdade de Arquitetura os professores João Rovatti e Leandro Andrade. O tema chamou a atenção do convidado, pois envolve um programa de formação que tematiza a problemática habitacional brasileira: “Queremos formar gente que saiba trabalhar neste setor”, comentou Rovatti, referindo-se aos currículos de Arquitetura que não preparam profissionais para intervir na construção popular. Nesse sentido, eles planejam oferecer cursos de especialização para arquitetos e cursos de formação de gestores e construtores comunitários como atividade de extensão universitária.

O professor de Desenvolvimento Rural Marcelino de Souza aproveitou a ocasião para relatar a experiência do projeto de turismo rural, realizado em Santo Antônio da Patrulha. A ideia do trabalho partiu de estudantes do curso especial de graduação tecnológica a distância em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural (Plageder), oferecido pela UFRGS em parceria com a Universidade Aberta do Brasil (UAB).

Para muitos dos professores que

compareceram ao encontro com Paul Singer, essa foi uma ocasião especial para se conhecer o autor de *Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana*, obra da década de 60, leitura obrigatória em cursos como o de Arquitetura. Ao final da reunião, Paul Singer prendeu a atenção de todos com um pronunciamento informal e emocionado no qual destacou o pioneirismo das iniciativas da UFRGS na área da Economia Solidária.

Ecos de 68 – Inicialmente, o economista disse ter ouvido coisas inovadoras, com as quais sonhava há muito tempo. “Em 1968, nós estávamos em greve lá em São Paulo – lembram do ano de 68, não lembram? –, quando todas as universidades públicas pararam pela reforma. E a gente, que estava dando aula, se reuniu com os alunos que tinham começado a greve, a que depois nós, professores, aderimos para tentar entender o que era a reforma universitária. Obviamente isso representava um enfrentamento ao regime militar. Mais do que isso, era uma ideia de colocar a universidade a serviço do povo. Estávamos todos motivados e não tínha-

A Economia Solidária pode ser o denominador comum de atividades que atravessam uma grande parte do conhecimento que se constrói na Universidade.

Paul Singer

mos a mais pálida noção de como fazer isso. Imaginar é fácil, mas como pôr em prática?”

Singer afirmou ter verificado que na UFRGS essa prática já existe há anos, isto é, a Universidade vem atuando a serviço da sociedade. “Isso é muito bacana: ver a universidade, que é uma entidade pública, sustentada pelo recurso que é recolhido da população, a serviço da maioria da população. É realmente muito bacana. É o que a gente sempre quis”, comentou entusiasmado.

Nova realidade – No entanto, ele lembrou que agora a universidade também deve estar a serviço da clas-

Para o economista, a divisão disciplinar e departamental do ensino universitário é um cárcere



GERVÁSIO BAPTISTA/ABR

se dominante. “Por quê? Porque se não ela vira uma coisa sectária. Acho que a universidade tem de ser ‘universidade’ mesmo, no sentido literal. Tem de estar trabalhando com todos os níveis da sociedade, inclusive com os banqueiros e com os grandes empresários, com as multinacionais, até para conhecer e poder criticar e propor alternativas.”

Manifestando sua preocupação em ser bem-entendido, declarou que festejava naquele momento não uma mudança de lado da universidade, mas a expansão de suas iniciativas. “Essa intuição era totalmente unilateral em 68. O vestibular nos levava a uma elite de estudantes de classe alta. Na Economia, então, eram todos, desculpe, mas boa parte, principalmente os da turma da manhã, filhos de empresários, da elite econômica, etc. Isso está mudando. É um processo. E – se os senhores me permitem – em harmonia com uma mudança social externa à universidade. Não fosse assim, não seria possível. Vocês não conseguiriam fazer o que estão fazendo se não houvesse uma demanda. E isso é bonito. Quer dizer, vocês não estão inventando coisas, estão atendendo às demandas reais”, completou o secretário nacional.

Tomando o caso da Arquitetura como um exemplo, Singer ressaltou a iniciativa do governo federal, que anunciou recentemente a implementação de um programa capaz de resolver a crise habitacional. Uma crise da qual ele ouviu falar durante muitas décadas, algo crônico. “A grande discussão é de quantos milhões de casas se precisa. Agora, vários milhões vão ser construídas em dois anos. Será uma proeza. E preparar as pessoas para viabilizar isso é

uma das prioridades. E não se limita à Arquitetura, embora ela seja central. Por isso acredito que esses cursos promovidos na Faculdade de Arquitetura devam ser abertos a outras profissões. Serão necessários economistas, psicólogos, sociólogos, enfim, todos.”

Transgressão – Para o economista, a possibilidade da participação de profissionais de diferentes áreas permite ainda o desenvolvimento de uma outra característica fundamental à universidade: a interdisciplinaridade. “Desde muito tempo estou convicto de que a divisão disciplinar e departamental é um cárcere. Quer dizer, uma grande parte da carreira de um acadêmico está em função dos seus títulos – mestrado, doutoramento, livre-docência, e assim por diante – e você é obrigado a trabalhar na área estreita da sua especialização. Eu sempre fui um transgressor. E estou muito feliz com isso. Iniciativas como essa podem institucionalizar a transgressão.”

Segundo o professor, a transgressão seria positiva para a academia. “Estamos hoje muito convictos disso; já não é mais uma heterodoxia aproveitar o ambiente de uma universidade para aprender outras coisas que não estritamente as da nossa carreira, da nossa profissão. Isso nos enriquece extraordinariamente, não só pelo aprendizado, mas também pela possibilidade de contribuir.” Para ele, o próprio encontro entre professores de áreas distintas, realizado naquele momento, representaria uma atividade de transgressão disciplinar, pois mostrava como a Economia Solidária pode ser o denominador comum de atividades que atravessam uma grande parte do

Principais obras do economista

- Para Entender o Mundo Financeiro (São Paulo: Contexto, 2000)
- O Brasil na Crise: perigos e oportunidades (São Paulo: Contexto, 1999)
- Globalização e Desemprego: diagnósticos e alternativas (São Paulo: Contexto, 1998)
- Uma Utopia Militante. Repensando o socialismo (Petrópolis: Vozes, 1998)
- O que é Economia (São Paulo: Brasiliense, 1989)
- O Capitalismo: sua evolução, sua lógica e sua dinâmica (São Paulo: Moderna, 1987)
- O Dia da Lagarta (São Paulo: Brasiliense, 1987)
- Repartição de Renda: ricos e pobres sob o regime militar (Rio de Janeiro: Zahar, 1986)
- A Formação da Classe Operária (São Paulo: Atual, 1985)
- Dominação e Desigualdade: estrutura de classes e repartição de renda no Brasil (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981)
- Guia da Inflação para o Povo (Petrópolis: Vozes, 1980)
- Trabalho Produtivo e Excedente (São Paulo: Contexto, 1977)
- A Crise do Milagre (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976)
- Estrutura do Emprego e Trabalho Feminino no Brasil: 1920 - 1970 (São Paulo: Brasiliense, 1973)
- Economia Política da Urbanização (São Paulo: Brasiliense, 1973)
- Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana (São Paulo: Editora Nacional, 1969)
- Desenvolvimento e Crise (São Paulo: Difusão Européia, 1968)

arco de conhecimento que se constrói na universidade.

Conhecimento autêntico – Singer também disse considerar extremamente importante reconhecer que há grande geração de conhecimento autêntico fora da universidade na atividade econômica e social do povo. “Essas senhoras com quem vocês estão trabalhando, com a incubadora vão trabalhar cada vez mais”, ressaltou, referindo-se à incubadora coordenada pelo Núcleo de Economia Solidária da Faculdade de Ciências Econômicas.

“O processo de incubação é o que Paulo Freire queria: um processo de educação mútua, integrada, criando o conhecimento coletivo inteiramente novo. Esse respeito que vocês têm, enquanto acadêmicos, pela forma não-acadêmica de geração do conhecimento e por conseguir conciliar os dois conhecimentos é de uma riqueza extraordinária. A própria crise ecológica está nos obrigando a isso. É impossível enfrentar a crise na área da agricultura com uma agricultura ecológica decente sem o camponês nos mostrar como é que se faz. Não é verdade? Temos o conhecimento da Química, da Física, da Biologia, tudo isso é vital. Mas, na prática, quem combina e faz uma agricultura que respeita a água, o ar, o revestimento vegetal, a vida animal, é ele, o camponês. Então, sem ele, nosso conhecimento fica nos livros. Com ele, adquire uma condição de transformação da realidade”, concluiu.

Paul Singer finalizou sua fala parabenizando o grupo de professores e a Universidade: “Hoje ganhei o dia, conhecendo o que vocês estão fazendo, sinceramente”.



A vida após o vestibular

Unversidade

Depois de ser aprovado, o pior já passou? Nem sempre

Caroline da Silva

Para um adolescente de 17 anos, que mal terminou o Ensino Médio, passar no seu primeiro concurso vestibular na Universidade Federal do Rio Grande do Sul é um grande feito. Mas os desafios para a vida adulta não param aí. Uma série de adaptações e responsabilidades será iniciada ao ingressar em um curso de graduação.

O ambiente da UFRGS ganhou cara nova durante os dias 3 e 4 de fevereiro, terça e quarta-feira de matrícula para os calouros. Pais e filhos, famílias inteiras, grupos de jovens passeando contentes e também perdidos pela Universidade. Normalmente, as pessoas não têm ideia da grandiosidade da instituição: são quatro câmpus, com as aulas distribuídas entre diversas unidades, turmas e turnos.

“Então ele não vai ter aula só aqui no Centro?”, interrogou surpreso o pai de Augusto Kretschmer. Ele e a esposa acompanhavam o filho, que realizava a matrícula em Engenharia de Controle e Automação. A primeira dificuldade foi encontrar a Escola de Engenharia, problema que tentavam resolver com a ajuda do responsável pela cancela da saída do estacionamento da reitoria, à rua Engenheiro Luiz Englert, ao perguntar onde ficava o prédio 11.105 do Câmpus Central. Eles tinham um endereço: Av. Osvaldo Aranha, 99 - 7º andar – o que, até aquele momento, não ajudara em nada. A família reside em Venâncio Aires, a 130 km da capital, entre os vales do Rio Pardo e do Taquari.

Passando férias em Arroio do Sal, Augusto e seus pais chegaram à capital com antecedência, às 12h30min do dia 3 de fevereiro, cerca de uma hora antes do horário agendado. Quem cursa as diversas áreas da Engenharia tem disciplinas no Câmpus do Centro e no Câmpus do Vale. O adolescente, no entanto, não mostrava receio de tantos locais novos a conhecer. Ansioso, passava de uma mão para a outra o histórico escolar do Ensino Médio. Saindo diretamente de um colégio particular, Augusto Kretschmer classificou-se em 13º lugar sem ter feito qualquer curso preparatório ao vestibular. “Para Mecatrônica eram somente 20 vagas no ingresso universal”, observa. Os pais acenam com a cabeça, demonstrando orgulho.

Primeiro passo – Após a matrícula, o aluno deve fazer imediatamente o cartão de identificação. É ele que vai assegurar a entrada nos prédios da UFRGS e a utilização dos RUs e das bibliotecas.

Pintada, a adolescente Paula Albrecht Corrêa passeava sorridente pelo Câmpus do Centro ao lado do pai. A bixo de Design Visual procurava a Secretaria de Assuntos Estudantis (SAE), onde lhe informaram que poderia fazer o seu cartão de identificação. Para todas as indagações que a repórter lhe fazia, ela procurava a expressão do pai, que tinha se afastado para a sombra de uma árvore defronte à Faculdade de Educação. Só não titubeou quando perguntada sobre a escolha da graduação: “Gosto da parte visual; no computador, mexo muito no Photoshoph”. E assim justificou a afinidade com o curso em que acabara de se matricular.



Luísa Dornelles e Lucas Zimmer, novos alunos de Arquitetura e Urbanismo, enfrentaram com bom humor as brincadeiras dos veteranos

FOTOS BRUNA GOSS/ESPECIAL JU

Dicas úteis ao calouro

DECORDI: problemas relativos à matrícula ou ao andamento acadêmico devem ser discutidos no Decordi – Departamento de Controle e Registro Acadêmico, localizado no Câmpus do Centro, Anexo I, próximo ao Cinema Universitário. Fone: 3308-3258

SAE: a Secretaria de Assuntos Estudantis é a mediadora das questões entre o estudante e a instituição. É ela que gerencia o programa de benefícios e que regulariza os estágios. Fica no térreo do Anexo I, ao lado do Banco do Brasil do Câmpus Centro. Acesse: blogdasae.wordpress.com

NAE: voltado ao atendimento ao aluno de graduação e pós-graduação da UFRGS, no que diz respeito ao seu desenvolvimento e planejamento de carreira e à sua adaptação à Universidade, o Núcleo de Apoio ao Estudante é um serviço gratuito oferecido ao público universitário. O NAE está situado no Câmpus Saúde (Av. Ramiro Barcelos, 2600 – sala 6). Fone: 3308-5453

DCE: na página dceufrgs.wordpress.com podem-se encontrar informações sobre todas as sedes do Diretório Central de Estudantes nos vários câmpus, sua localização e contato. Também é possível saber das ações promovidas pelo DCE e dos serviços oferecidos, como a confecção do TRI – cartão para a passagem escolar dos ônibus urbanos de Porto Alegre.

Augusto, o calouro em Mecatrônica de Venâncio Aires, já tinha um prévio acerto para dividir um apartamento na Alberto Bins com um amigo, mas ainda precisava situar-se em relação à localização da rua. Afora isso, não conseguira ver o apartamento, pois o tal colega não havia deixado a chave. Retornou com os pais ao litoral para terminar suas férias tendo somente a certeza de que a matrícula estava garantida e as aulas iniciariam em 2 de março.

Vindo de Sombrio, o bixo de Engenharia Mecânica Juliano Serafim Guolo vai morar em Cachoeirinha com um tio. Com cabelo grande e *piercing* na sobrancelha, chama a atenção para o fato de este ter sido o seu terceiro vestibular: “Sempre tive [boa] pontuação nas outras disciplinas, mas a redação me ferava”. O menino de 18 anos, nascido em Porto Alegre, completou o Ensino Médio com apenas 15. Quando criança mudou-se para Santa Catarina, estado em que a família fixou residência. No último semestre, residiu na capital, Florianópolis, onde fez cursinho. No ano passado, chegou a cursar o primeiro semestre de Engenharia Mecânica da UDESC, no Centro de Ciências Tecnológicas (CCT), localizado em Joinville, mas a longa distância o levou a trancar a matrícula.

O primeiro desejo de Juliano era ingressar na UFSC, cujo curso de Engenharia Mecânica é considerado o melhor da América Latina. Mas não está triste por ter passado na UFRGS: “Pô, tô felizão, sempre quis voltar pra minha terra. Quem faz o curso é o aluno, o conteúdo é o mesmo”. Depois de três anos tentando Engenharia Mecânica, sente aptidão para a profissão. Uma vez formado, pretende prestar concurso para a Petrobras ou atuar na Alemanha, país em que o mercado de trabalho para engenheiros mecânicos é rico em oportunidades.

Muitos calouros procuraram a SAE para a confecção do cartão, mas descobriram que nem tudo na Universidade é ágil. No final da manhã de quarta-feira, 4 de fevereiro, a funcionária à entrada do térreo do Anexo I repetia, visivelmente cansada, que a identificação só poderia ser realizada a partir da quinta-feira posterior ao Carnaval. Alguns dias depois, talvez antevendo o período de matrícula da segunda chamada de vestibulandos classificados, a porta da Secretaria exibia o seguinte cartaz: “Por motivo de licença-saúde do servidor, a Central de Identificação ficará fechada até o dia 20 de fevereiro”. Nesse dia, o funcionário ainda não havia retornado. E a informação era de que não se procurasse por ele também na Quarta-Feira de Cinzas.

Trote – Quatro garotos da faixa dos 17/18 anos andavam pela frente do Bar do Antônio orgulhosos das vestes, cabelos e extremidades dos corpos tomados de tintas coloridas. Leandro Moreno, Letícia Souza, Luísa Dornelles e Lucas Zimmer procuravam telefones públicos no Câmpus Central, logo depois de realizarem sua matrícula em Arquitetura e Urbanismo.

“Só tem tinta aí?”, pergunta um repórter meio enojada. “Sim”, respondem em coro.

“Tinta, glitter e esmalte”, emenda Lucas num tom contrariado de quem se preocupa com a retirada dos vários tons de esmalte escuro dos dedos. Chegando mais perto dos calouros para colher suas primeiras impressões sobre a Universidade, o cheiro não é nada agradável. As meninas dizem que a tinta deve ser velha. Além de terem todo o corpo pintado, os bixos tiveram de responder a questionários “duvidosos” e realisar desenhos arquitetônicos sem ter ainda conhecimento algum. Eles dizem que já têm várias exigências dos veteranos para a primeira semana de aulas: levar tinta, fraldas e bebidas.

Onde morar? – Para quem vem do interior ou de outros estados, encontrar um lugar para residir em Porto Alegre é outro desafio. Situação não muito definida é a do bixo de Filosofia que procurava a SAE enlouquecidamente na manhã de quarta, último dia de matrícula. Acompanhado de uma senhora visivelmente aflita, que perguntava pela Casa do Estudante, tinha dificuldade de entender as indicações das localizações na Universidade. Queria saber onde ficava o prédio 12.105... A aflição era justificável: a seleção para as moradias estudantis deve ser feita ainda em fevereiro, antes do início do ano letivo.

Não basta ser irmão, tem que ficar sujo de tinta

Dentro do Bar do Antônio, uma família destacava-se não só pelo rosto pintado da adolescente de 18 anos recém-completados. Pai, mãe, irmão e irmã, todos com traços germânicos, contemplavam o mural com o cardápio de pratos oferecidos pelo restaurante. Família de bixo, claramente! Vieram de Santa Cruz do Sul para matricular em Ciências Atuariais Fernanda Schwingel, que justifica a escolha pelo gosto para Matemática e pelo fato de ser uma área com mercado de trabalho garantido.

A jovem, que passou no primeiro vestibular,

contou que, após a matrícula, a família foi explorar o espaço para conhecer melhor o câmpus, que para ela era total novidade. A moradia em Porto Alegre já está garantida. Uma vizinha sua de Santa Cruz passou em Farmácia, e a família comprou um apartamento no bairro Mont’Serrat. Elas vão dividir o teto e as despesas. A mãe, Sabrina, se diz ansiosa pela nova etapa de vida que a filha vai iniciar na capital. Não demonstra, entretanto, muita preocupação, pois ela viveu a mesma situação quando estudou em São Leopoldo “na sua época” e sabe da animação de Fernanda.



Especial

Ciência

Depois de mais de um ano, governo escolhe diretor-presidente da Fapergs, órgão estadual que permanece à margem de investimentos para efetivo apoio à pesquisa no RS

TEXTO JACIRA CABRAL DA SILVEIRA

De dezembro de 2007 a março de 2009 foi o período que o governo do Estado levou para escolher um dos nomes da lista tríplex para diretor-presidente da Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul (Fapergs), encaminhada pelo Conselho Superior da entidade. Mas, segundo o médico-veterinário Rodrigo Costa Mattos, apenas quando seu nome sair no Diário Oficial ele poderá se considerar o novo ocupante do cargo.

A causa da demora não foi justificada. O terceiro e atual secretário de Ciência e Tecnologia do governo Yeda, Arthur Lorentz, explica: “Assumi no dia 10 de outubro do ano passado”. Desde então, passou a ocupar-se com questões como a definição da diretoria da Fapergs, o encaminhamento da Lei de Inovação e a consequente assinatura do acordo de compromisso com a Fundação – uma espécie de contrato entre instituição e governo, estabelecendo metas e indicadores a serem alcançados – “em contrapartida, o governo dá mais autonomia”, acresce o secretário.

Com base nesses resultados, Lorentz acredita que poderá pleitear mais recursos para o setor, além dos R\$ 11,2 milhões já destinados para o exercício de 2009 da Fapergs. “Essa é uma atribuição minha”, assume. Tarefa que precisará vencer a inércia do Estado no que diz respeito à falta de apoio à pesquisa.

Desde sua criação, em 1964, a Fun-

“Nenhuma agência de fomento pode depender exclusivamente dos recursos do estado”

Jarbas Milititsky

dação jamais recebeu sequer 30% do valor previsto na Lei Complementar n.º 9.103 (8/07-1990), que destina 1,5% da receita líquida de impostos do Estado à Fapergs. Mas nenhum ano marcou queda maior do que a ocorrida em 2008, quando o repasse não chegou a 3% do 1,5% devido.

Conselho superior – Faz três anos, o Conselho Superior da Fapergs (CSF) iniciou o planejamento estratégico para a instituição, que culminou em alguns dos itens constantes do acordo de compromisso com o estado. Conforme o presidente do Conselho, Jarbas Milititsky, cabe ao estado a realização de concursos, a elaboração de novo plano de cargos e salários, e a regularidade de repasse de recursos. “Ou seja, estabelecer condições para que a Fapergs efetivamente possa cumprir essas finalidades”, justifica o presidente, referindo-se aos itens do acordo.

“Dentro desse planejamento estratégico existem mudanças essenciais a

serem realizadas para que a Fundação tenha mais autonomia, flexibilidade e condições reais para desempenhar seu papel de estímulo ao desenvolvimento do conhecimento, da ciência, da tecnologia e da inovação no Estado.” Conforme Milititsky, o Conselho considera a Fapergs não só deficitária, em termos de falta de pessoal e recursos, mas também em relação a sua estrutura e regulamentação. Situação esta que impede a atuação eficaz da entidade na obtenção de resultados.

Contraopondo-se a essa estrutura deficitária e ultrapassada, o presidente destaca que a “maior qualificação da Fundação são seus comitês científicos em todas as áreas do conhecimento, com participação de pessoal de alto nível, proveniente das várias instituições de pesquisa e de desenvolvimento, públicas e privadas. Por isso, o interesse do Conselho em buscar que essas amarras sejam resolvidas “para que possamos contar não só com os recursos do governo estadual, mas com verbas de outras fontes de financiamento”.

Modernização necessária – Milititsky lembra que, na década de 90, a Fapergs figurava entre as principais Fundações de Apoio à Pesquisa (Fapes) do Brasil em função do seu desempenho no período. Hoje, situa-se entre “as piores do país”. Para o engenheiro e ex-professor da UFRGS, nenhuma agência de fomento pode depender exclusivamente dos recursos do estado. “Precisamos nos modernizar como agência de fomento”, argumenta. E, a partir dos últimos acontecimentos – indicação do diretor-presidente da Fapergs, a assinatura do acordo de resultados, o envio da Lei de Inovação para a Assembleia Legislativa –, o dirigente afirma que a Fundação está iniciando uma nova fase.

O que também colaborou para essa nova etapa, de acordo com o presidente do CSF, foram as medidas administrativas tomadas nos últimos anos: “Fizemos nosso tema de casa”, comenta, referindo-se aos 5.500 processos-auxílio com pendências administrativas resolvidos pela força-tarefa que envolveu membros do Conselho e funcionários. “Agora é necessária a formatação de uma nova instituição, com alterações no estatuto, no seu funcionamento, no regramento jurídico, para que ela possa, como uma agência moderna, ter outros tipos de intervenção.”

Isso deve ocorrer, segundo o dirigente, para que a Fapergs – criada e regulamentada como um agente do estado para atuar com recursos do estado – possa reverter essa situação e transformar-se em uma instituição com maior flexibilidade. “Hoje, o mundo entende investimento em C&T e inovação de forma diferente. Existem fontes nacionais e internacionais inexploradas. Nos dois últimos anos, o aparato executivo estadual não teve recursos, e a Fapergs faz parte desse aparato. O Conselho entende que há uma mudança de perspectiva em face do saneamento das contas do Estado e que agora existem condições de fazer investimento. E nós temos a convicção de que entre os investimentos prioritários estão os destinados à C&T e Inovação.”

C&T e Inovação em estado de espera

FLÁVIO DUTRA/PROJETO CONTATO

Grupos de pesquisa precisam de maior aporte de verbas

Atualmente, 341 alunos da Universidade têm bolsas Fapergs, “principalmente bolsas de Iniciação Científica, que ainda é o programa forte da Fundação”, explica o pró-reitor de Pesquisa da UFRGS, João Edgar Schmidt, observando que “os demais programas de apoio estão enfraquecidos”.

E se a Universidade se ressentir com a falta de investimentos, mesmo recebendo verbas federais de fomento à pesquisa – só no final do ano passado aprovou seis dos oito projetos encaminhados ao Ministério da Ciência e Tecnologia e ao CNPq para edital de criação dos Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia –, mais ainda as universidades comunitárias e grupos novos de pesquisa do interior do estado, que têm debilitado seu potencial de trabalho por falta de apoio financeiro.

“Às vezes fica difícil para nós, que estamos acostumados a pensar com o nosso umbigo-UFRGS, percebermos o que está ocorrendo a nossa volta”, afirma Maria Alice Lahorgue, pró-reitora de Planejamento da UFRGS e secretária regional da SBPC, e acrescenta: “Como SBPC, a gente está permanentemente vendo que os grupos de pesquisa das universidades comunitárias estão se desestruturando por falta de recursos”.

Isso ocorre, muitas vezes, segundo ela, porque não são pesquisas de ponta, embora de extrema necessidade para a região em que estão sendo desenvolvidas. “Não é algo que está na prioridade do governo federal, mas na do Rio Grande do Sul”, justifica. E acrescenta: “Nossa rede de desenvolvimento é bem distribuída, composta majoritariamente por mestres e doutores”, o que recomenda investimento, acredita a professora.

O secretário de C&T, Arthur Lorentz, reconhece que a ausência do Estado junto a diferentes setores de pesquisa na capital e no interior pela Fapergs abre espaço para a entrada da iniciativa privada. “Nos últimos 15 anos, essas fundações perderam visibilidade e acabaram perdendo espaço para instituições privadas, como o Senai, que criou centros de pesquisa brilhantes.”

Por outro lado, sem desconsiderar a responsabilidade do Estado no desenvolvimento de políticas em C&T e Inovação, as vagas criadas no setor empresarial para egressos das pós-graduações gaúchas vêm ao encontro da análise de Lahorgue: “É importante aumentar o investimento nas empresas para que elas possam absorver esse profissional qualificado. E precisamos fazê-lo de maneira produtiva”.

Atualmente, a UFRGS tem 341 alunos bolsistas da Fapergs, principalmente em Iniciação Científica

Potencial de impacto econômico

O impacto econômico e social causado pelo desenvolvimento de C&T não é só reconhecido pelos pesquisadores e cientistas. Países desenvolvidos, como os Estados Unidos, apoiam o setor e reconhecem o fator estratégico de investimentos. O Rio Grande do Sul, apesar dos pesares, tem comprovado esse impacto ao longo de sua história, ainda que distante.

Jarbas Milititsky, presidente do Conselho Superior da Fapergs, recorda que na década de 80 o Estado importava aaveia.

Desenvolvimentos em C&T realizados nas universidades de Santa Maria, Passo Fundo e na UFRGS, entretanto, desenvolveram novas variedades, o que levou os gaúchos a passarem da condição de importadores de aaveia num espaço de poucos anos. "Existem espécies de aaveia que levam o nome 'UFRGS'", atesta. Mais tarde, na década de 90, a Fapergs lançou o primeiro

edital de interação universidade-empresa do país: o Programa de Estímulo à Interação de Grupos de Pesquisa com o Setor Empresarial. Tempos depois, o mesmo programa foi adotado pela Fapesp, que hoje investe cerca de R\$ 40 milhões apenas nesse projeto.

"Nós inovamos àquela época e acreditamos que podemos inovar novamente", comenta Milititsky, presidente da Fundação naquele período.

Maria Alice Lahorgue, secretária regional da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), traz outro exemplo de como os investimentos no setor repercutem de forma positiva na economia do Estado: o Programa dos Polos de Modernização e Inovação, de 1989, resultante do trabalho conjunto Fapergs e Secretaria de Ciência e Tecnologia. Foi uma iniciativa que auxiliou a implantar laboratórios, principalmente em universidades comunitárias, e que, segundo Lahorgue, abriu a possibilidade de desenvolvimento de pesquisa com a participação da Fapergs.

Hoje, entretanto, frente à situação da Fundação, Lahorgue, que tem experiência na administração pública – já trabalhou na Secretaria da Fazenda estadual e na academia, onde é professora do Departamento de Ciências Econômicas da UFRGS –, é categórica ao analisar o papel do Estado: "O futuro da pesquisa e da inovação gaúchas depende da priorização política e de investimentos do governo estadual, que deve assumir sua posição de estrategista e de orientador das ações dos demais agentes, transformando-se de problema em solução, como disse Stiglitz".

Rodrigo Mattos é o novo diretor-presidente

Surpreso. Esse foi o sentimento do médico-veterinário Rodrigo Costa Mattos, quando soube da escolha de seu nome para assumir como diretor-presidente da Fapergs. "Já nem constava mais dos meus planos", comenta, devido ao longo espaço de tempo transcorrido da indicação da lista tríplice do Conselho Superior da Fundação ao comunicado do secretário de C&T, Arthur Lorenz, nos primeiros dias de março.

Além da experiência docente como professor do departamento de Reprodução Animal da Faculdade de Veterinária da UFRGS, Mattos desenvolve as atividades de coordenador da área de veterinária da Capes, de pesquisador CNPq e de presidente do Colégio Brasileiro de Reprodução Animal.

JU – Qual seu vínculo anterior com a Fapergs?

Rodrigo Mattos – Fui consultor da Fundação de 1996 a 2002. Atualmente, sou membro do Comitê de Agrárias. Mas também atuei do outro lado do balcão, como pesquisador que buscou recursos e recebeu mais de um financiamento. Tive pedidos atendidos, outros não. Não existe só o ganhador.

JU – Como será a constituição da parte diretiva?

RM – Atualmente tem o Jôni [Jôni Franck Nunes Costa], que está interinamente respondendo como diretor-presidente, sendo diretor-administrativo. Em relação ao cargo de diretor-científico, há uma nominata de pessoas que se inscreveram, e se espera uma lista tríplice do Conselho nos próximos dias. Essa lista posteriormente vai para a governadora, que faz a escolha.

JU – Quanto tempo o senhor calcula que levará para essa nova escolha?

RM – Acredito que será mais imediata. Houve percalços durante a nomeação do diretor-presidente, que durou quase um ano. Agora, aparentemente, está se encaminhando para a solução, e acho que há boa vontade para solucionar. Também não podemos esquecer que ocorreram mudanças dentro da própria Secretaria, com a troca de secretários.

JU – Que pontos exigem ação imediata da entidade?

RM – A Fapergs entrou num estado de descrédito por falta de recursos, e não é de hoje. Isso vem num processo de muitos anos, em que os projetos eram aprovados e os recursos demoravam a ser liberados, fazendo com que os pesquisadores descreditassem na Fundação. Processo seme-



CADINHO ANDRADE/JU

lhante ocorreu até na Fapemig, hoje com pleno crédito entre os pesquisadores mineiros.

JU – Mas o que teríamos a fazer imediatamente na Fapergs para que isso ocorra também aqui?

RM – Em primeiro lugar está a estabilização política, com uma diretoria atuante dentro da Fapergs. Um segundo ponto é termos perspectivas orçamentárias que estão inicialmente definidas. O orçamento para este ano está em torno de R\$ 10 milhões. Vão dizer que é pouco. Sim, é pouco, muito abaixo do 1,5% previsto por lei, mas devemos pensar que o Estado está saindo de uma fase em que, pela primeira vez, terá um superávit. Tenho conversado com o secretário, que quer o aumento desses recursos. E – aparentemente – esse é o interesse do governo do estado. Primeiro temos de arrumar a casa. Não que ela esteja completamente desarrumada; o atual diretor-administrativo tem feito um trabalho excepcional. Mas o que existia dentro da Fapergs em termos de prestações de contas que estavam paradas e relatórios que não existiam era algo impressionante.

JU – O senhor mencionou a Fapemig... Há como superar a desvantagem que temos com relação a outras fundações?

RM – Superar as desvantagens nós vamos conseguir, mas não podemos pensar que o faremos de uma hora para outra. E essa não é uma ação apenas do presidente ou da diretoria. É da diretoria da Fapergs, do Conselho Superior, do governo do estado e dos

pesquisadores. Estamos em um momento delicado e há muita coisa a se fazer. Temos de começar a colocar as relações institucionais a funcionar para, com isso, captar recursos.

privada e o desenvolvimento tecnológico vão ser os únicos que irão promover e pagar pesquisa, mas eles podem fazer uma parte, e há interesse geral para que isso ocorra.

JU – Neste sentido, podemos pensar em retomar programas bem-sucedidos, como o "Programa de estímulo à interação de grupos de pesquisa com o setor empresarial"?

RM – Vamos analisar uma coisa: 2009 já terminou. Em termos orçamentários, vamos executar aquilo que já estava dentro da pauta. Se conseguirmos mais recursos, ótimo. Vamos tentar conseguir mais recursos, e aí se abrem perspectivas, mas em princípio temos um bolo, e esse bolo já tem seu destino. Tem a questão do Programa de Grupos de Excelência (Pronex), que antes era um programa apenas do CNPq e hoje é ação conjunta com as Fapes, para o qual serão destinados cerca de R\$ 30 milhões. Há o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic), a Iniciação Científica Júnior, o Programa de Apoio à Pesquisa em Extensão (Pape), que são programas que já estão com todo o recurso. Para novos editais praticamente não existem verbas. Sou da área de agrárias, por isso digo que primeiro temos de semear, para nascer, crescer. A colheita será mais à frente. Vamos tentar ver se temos alguma cultura de inverno para colhermos na primavera ou no início do verão. O mais provável é que esse processo vá maturar no ano que vem. De toda forma, para 2010, temos de ter novas saídas e novas perspectivas.

“Em termos orçamentários, vamos executar aquilo que já estava em pauta”

JU – Fala-se em criar um ambiente favorável à aproximação da academia com os setores público e empresarial. O que seria criar esse ambiente favorável?

RM – Há espaço para tudo, e hoje em dia precisamos ter desenvolvimento tecnológico. Para que o setor privado contribua, o desenvolvimento tecnológico é fundamental, assim como a pesquisa aplicada. Mas não se vive apenas de pesquisa aplicada, temos de pensar em pesquisas básicas, em ciência e desenvolvimento tecnológico. Temos de trabalhar nos dois segmentos. Hoje (19/03), teremos a assinatura da Lei de Inovação do Estado, que vai começar a regulamentar uma nova mentalidade. Não quero dizer com isso que a iniciativa

Inovação é um conceito de mercado, não de laboratório

Considerado empresário moderno, Ricardo Menna Barreto Felizzola foi um dos precursores do conceito de inovação no meio empresarial gaúcho. Participou da criação e é o coordenador do Conselho de Inovação Tecnológica da Fiergs. Também faz parte do Conselho de C&T do Estado e é membro do Conselho Universitário da UFRGS, ambos como representante da Fiergs.

Oriundo do meio acadêmico, tendo sido professor do Departamento de Informática da UFRGS de 1979 a 1988, Felizzola reconhece o papel fundamental da Fapergs como organismo aglutinador das fontes de recursos não só estaduais como federais: "Ela é o braço operacional da Secretaria de C&T para projetos, pesquisas, incentivos e para conectar a pesquisa a setores considerados prioritários".

Ao lembrar que a Fundação foi a primeira Fape criada no Brasil, o empresário lamenta o mau ge-

renciamento do Estado para manter essa ideia de organização, que acabou sendo aproveitada em outros estados: "Tínhamos o conceito, mas não tivemos a gestão necessária para alimentar esse conceito através de recursos". Essa situação começa a mudar, segundo Felizzola, que recentemente assumiu o cargo de vice-presidente de Operações do Programa Gaúcho de Qualidade e Produtividade (PGQP). Pela primeira vez em 30 anos, o Estado gaúcho gastou menos do que recebeu: "E essa diferença é investimento. Pesquisa e desenvolvimento é investimento, é estratégia".

No entendimento do empresário, quitar as contas do Estado vem antes do problema de repasse de verbas para a Fapergs: "Mas parece que, para o primeiro problema, criou-se um véu de solução: o governo apresenta este ano 1,2 bilhões de reais em investimento". Por isso, ele considera que é a hora

certa para perguntar ao governo onde ele vai investir. "Agora é grave. Agora nós podemos falar em Fapergs. Não que antes não fosse importante, mas era inútil, porque ia bater em uma pedra."

Felizzola também tem participado das discussões sobre a Lei de Inovação no Estado e faz questão de ressaltar que inovação não pode ser o novo nome de C&T: "Não é coisa de laboratório, mas de mercado", afirma. "Inovação está atrelada à geração de riqueza. Pode haver ciência, pode haver base teórica para inovações, mas, se não há geração de riqueza, não há inovação." Por essa razão ele faz distinção entre C&T e Inovação, e acha importante frisar esse aspecto quando se fala em investimentos na área. "O medo dos empresários é que se confunda inovação com C&T, porque C&T é meio para inovação, e não fim." E o que une essas duas pontas, segundo ele, é a empresa.



Entre dois países

Fronteiras

Há anos no Paraguai, brasileiros inserem-se na sociedade do país

Fernando Lugo, presidente do Paraguai, prefere não utilizar o termo “brasiguai”. Para ele, os brasileiros que lá vivem são paraguaios, assim como os seus descendentes. O vocábulo inventado por um deputado federal brasileiro em 1985, contudo, ainda reflete o que as pessoas que atravessaram a fronteira entre os dois países se consideram: brasileiros que vivem há anos naquele país, contribuindo para a economia e modificando a sociedade local paraguaia.

Economia – Segundo o doutor em Desenvolvimento Rural pela UFRGS, o paraguaio Oscar Agustín Torres, a porcentagem de brasileiros no país corresponde a quase 10% da população. “Estima-se que no Paraguai existam em torno de 500 mil brasileiros e seus descendentes, principalmente nas áreas de fronteira”, explica. Oscar, que também é professor na Faculdade de Ciências Agrárias da Universidad Nacional de Asunción (UNA), diz que foi durante a ditadura do Partido Colorado, comandada pelo general Augusto Stroessner, o período em que mais ingressaram brasileiros no país. A economia paraguaia também está fortemente ligada à atuação dos brasileiros: 60 a 70% da soja lá produzida passa por suas mãos. E esse item é justamente o produto mais vendido, correspondendo aproximadamente a 90% da exportação nacional. “Acontece que o agricultor paraguaio é incapaz de produzir na mesma qualidade ou quantidade que o brasileiro”, diz Oscar.

Carlos Wagner, repórter do jornal Zero Hora especializado em conflitos de fronteira, afirma que o problema do agricultor paraguaio é a falta de domínio da tecnologia. Além disso, o governo daquele país jamais investiu em tecnologia para o aumento da produção. “Graças às pesquisas da Embrapa, os brasileiros possuem um bom pacote tecnológico e uma maneira moderna de plantar”, diz.

Confrontos – As recentes invasões em propriedades de brasileiros por sem-terra paraguaios decorrem de fatores distintos. Apesar de ser sustentado politicamente pelo Partido Liberal, que defende o respeito à propriedade privada, Fernando Lugo se vê desafiado por segmentos mais radicais, dos quais recebeu apoio em sua corrida à presidência. A campanha eleitoral do ex-bispo baseou-se em duas promessas: fazer a tão esperada reforma agrária e renegociar o Tratado de Itaipu, rediscutindo os termos da venda de energia elétrica ao Brasil (ver quadro). Oscar Torres acredita que essas invasões são parte de uma estratégia para pressionar os brasileiros a escutarem o governo paraguaio.

Do outro lado, está a questão da distribuição de terra. “Os brasileiros detêm as terras de melhor qualidade agrônômica do país, as mais ricas e produtivas, enquanto os paraguaios ocupam minifúndios pobres”, esclarece o professor. Na maioria das vezes, os paraguaios se sentem inferiorizados ou humilhados. “É aquela



ANTONIO CRUZ/ABR

coisa, eu estou trabalhando numa porção pequena de terras e vejo o meu vizinho com trator e ganhando muito dinheiro”, completa Oscar.

Conforme Carlos Wagner, como o governo não auxiliou os paraguaios a cultivarem essas terras, eles não sabiam exatamente o que fazer com elas. Sem conhecer ferramentas nem tecnologias, facilmente as vendiam para os brasileiros, tornando-se seus empregados. Contudo, há ainda um problema mais sério na fronteira com o Mato Grosso do Sul: “Nessa região, o governo implantou vários assentamentos de agricultores paraguaios, especialmente na cidade de São Pedro, terra-natal do presidente, e depois praticamente os abandonou. Acontece que os brasileiros do Alto Paraná começaram a comprar tais terras dos paraguaios, só que havia arrendatários de terra importantes”, conta Carlos. Os arrendatários a que o jornalista se refere são os plantadores de maconha. Os traficantes brasileiros (entre eles Fernando Beira-Mar) transformaram os agricultores paraguaios sem tecnologia nos maiores produtores de maconha no mundo, oferecendo-lhes um pacote tecnológico. “Eles chegaram aos campesinos paraguaios e forneceram utensílios, sementes e tecnologias para o plantio. O que acontece agora é que os plantadores de soja brasileiros estão indo para lá e acabam enfrentando esses caras. Virou mais um conflito”, explica Carlos. Ao negar tecnologia, dinheiro ou educação, o governo acabou tornando esses assentados presas fáceis para os brasiguaios e traficantes. Na opinião do jornalista, essa é uma das situações sociais mais complicadas que o governo Lugo terá de enfrentar.

Isolamento – Jair Roberto Winter é um dos brasileiros que foram ao Paraguai em busca de melhores condições. Nascido em Lajeado, no interior do estado, mudou-se com a família em 1976, quando tinha apenas nove anos. “Sou casado com uma gaúcha e temos dois filhos que nasceram e foram registrados aqui no Paraguai, e estudam nas escolas locais.” Com tantos brasileiros vivendo no

país vizinho, até que ponto os hábitos dos brasileiros influenciam na cultura paraguaia, e vice-versa? Para Márcia Anita Sprandel, doutora em Antropologia pela Universidade de Brasília, “não há uma ‘identidade cultural brasiguai’. O que existe é um encontro de regionalidades, nacionalidades e línguas que precisa ser melhor conhecido”. A antropóloga lembra que esses brasileiros vivem em outro país, que se faz presente com suas escolas, suas autoridades, seus canais de rádio e TV, suas músicas, sua religiosidade, etc. O fato é que muitos deles, principalmente os

Não há uma identidade cultural ‘brasiguai’. O que existe é um encontro de regionalidades, nacionalidades e línguas.

gaúchos, acabam formando núcleos e, muitas vezes, trabalhando somente com contratados. Jair, por exemplo, é funcionário em uma sementeira de soja, o principal produto de exportação do país, e diz que, na cidade em que mora, Santa Rosa do Paraguai, 95% da população é composta de brasileiros.

Oscar Torres acredita que, devido aos vários anos de extorsão por parte do governo paraguaio, os brasileiros acabaram se isolando. “Eles criam todo um território, a ponto de a estrutura dos locais em que se instalaram assemelhar-se mais a de uma cidade brasileira”. De acordo com o professor, os paraguaios que vivem nesses municípios trabalham de forma precária, pois os negócios, os silos e as transportadoras pertencem a capitalistas brasileiros. Ele diz que a geração de capital por parte dos brasileiros não fica no Paraguai: “Esse volume de dinheiro, normalmente

em dólares, vai todo para o Brasil e não é investido no território paraguaio”. E lembra ainda que muitos brasileiros, apesar de viverem há mais de 30 anos no Paraguai, não falam o guarani, o segundo idioma oficial do país. Jair acrescenta que, em sua região, devido à presença maciça de brasileiros, os paraguaios aprenderam a falar o português. “Eu até que entendo o guarani, mas é complicado, porque uma palavra, dependendo da circunstância, pode ter diferentes significados”, confessa.

Imperialismo – É inevitável a comparação da atual questão paraguaia com a história do Acre. O estado pertencia à Bolívia, mas, devido ao maior número de brasileiros seringueiros na região e a vários conflitos, foi entregue ao Brasil depois da assinatura de um tratado.

O professor Oscar Torres afirma que muitos já acreditam que, em algum momento, as fronteiras do Brasil vão ultrapassar o Rio Paraná. “O Estado paraguaio não tem um instrumento para gerar riqueza nesse território capaz de promover o desenvolvimento da região. É muito fluxo de produtos e de capital para o Brasil. Eu sempre falo que essa parte do Paraguai é um alongamento do Brasil.”

Já a antropóloga Márcia Sprandel entende que o olhar brasileiro não consegue se colocar no contexto paraguaio. “O Estado-Nação paraguaio possui a sua Constituição, as suas instituições, a sua cultura e o seu povo. Os brasileiros e seus descendentes não vivem numa extensão do Brasil, vivem em outro país”, afirma. Carlos Wagner é direto ao dizer que o Brasil é um país imperialista. Para ele, o Paraguai está em processo de ‘abrasileiramento’. “Não diria que é uma extensão do Brasil. A questão é complicada, e acho que o Paraguai tem medo. Aquilo é o Brasil. Se tu pegares a fronteira do Paraguai vários quilômetros para dentro, e traçar uma linha, a maioria são brasileiros – as terras, os costumes”, completa o jornalista.

Rafael Gloria, estudante do 5º semestre de Jornalismo da Fabico

Acordo contestado

A usina hidrelétrica de Itaipu é resultado de acordos entre Paraguai e Brasil, pertencendo aos dois países em partes iguais. Pelo contrato de 1973, cada um tem direito a 50% da energia produzida. Caso uma das partes não use toda a cota, vende o excedente ao parceiro a preço de custo. Como o Paraguai utiliza apenas cerca de 5% dessa energia – o que atende a 95% da demanda do país –, o restante é vendido ao Brasil. No total, 20% da energia elétrica usada pelos brasileiros vêm de Itaipu. Atualmente, nosso país paga US\$ 45,31 por megawatt, porém US\$ 42,5 são abatidos da dívida que o Paraguai tem pela construção da usina, restando US\$ 2,81 para uso da nação vizinha. Nessa operação, o Paraguai recebe, entre royalties e compensações, uma média de US\$ 375 milhões anuais. Os paraguaios, porém, afirmam que, caso vendessem a energia a valores de mercado, obteriam até US\$ 1,8 bilhão. A última “prestação” vencerá em 2023, quando está prevista a renegociação do contrato.



Um gesto que salva vidas

Transplantes

Aproximadamente 40 mil novos doadores de medula são cadastrados por mês no Brasil

O número de doadores de medula óssea, em todo o país, vem crescendo a cada ano. Criado em 1993, o Registro Nacional de Doadores de Medula Óssea (Redome) contava com cerca de 45 mil cadastrados até 2003. Um ano depois, quando passou a ser coordenado pelo Instituto Nacional do Câncer (Inca), teve um crescimento de 20 vezes. Hoje, o número de doadores registrados é de 960 mil, o que o consolida como o maior sistema público do mundo. “Em 2004, o Inca iniciou um projeto em parceria com os hemocentros para incentivar as campanhas de doação de medula óssea. Esse projeto foi o grande responsável pelo aumento do número de doadores no país. Atualmente, os hemocentros já realizam campanhas por todo o Brasil”, explica o Dr. Luiz Fernando Bouzas, coordenador do Redome e diretor do Centro de Transplantes de Medula Óssea (Cemo) do Inca. Segundo ele, a meta é alcançar um milhão de doadores cadastrados até o primeiro semestre deste ano.

O transplante de medula é complexo e requer um alto nível de compatibilidade genética, maior do que a necessária em outros tipos de transplantes. Por isso, a primeira opção de busca por um doador compatível é na própria família do paciente, com uma chance de compatibilidade de 25 a 30%. Mas a maioria dos pacientes acaba recorrendo ao sistema público nacional. Em sintonia com o Redome, existe o Registro Nacional de Receptores de Medula Óssea (Rereme). Quando alguém precisa de um transplante, os dados são cruzados em busca de compatibilidade em qualquer região do país. Conforme Bouzas, que também preside a Sociedade Brasileira de Transplantes de Medula Óssea, em 2006, foram realizados 111 transplantes não aparentados (medulas doadas por voluntários), enquanto em 2007 foram 135. No ano passado, até outubro, haviam sido feitos 110 procedimentos. “Por questões de proximidade genética, quando se procura doador no Brasil a chance é de uma em cem mil. Quando se procura doador no exterior, a chance cai para uma em um milhão”, explica. Hoje, o sistema brasileiro encontra doadores para cerca de 50% dos pacientes no país e mais 20% do exterior. Há alguns anos, a cifra não passava de 10%.

Procedimento – O transplante de medula óssea é recomendado para algumas doenças malignas que afetam as células do sangue. Ele é necessário em três tipos de casos: quando a medula deixa de produzir as células cruciais para a nossa sobrevivência (os eritrócitos, que carregam oxigênio, e os glóbulos brancos, que compõem nosso sistema imunológico), doença conhecida como Anemia Aplásica; em casos de câncer de medula óssea; ou ainda em doenças genéticas ou hereditárias que comprometem o funcionamento dos eritrócitos ou dos leucócitos.

O processo consiste na substituição da medula óssea (tecido que ocupa o interior dos ossos, onde se formam todas as células que circulam no san-

gue) doente, ou deficitária, por células normais de medula óssea, com o objetivo de reconstituir uma nova medula. “As células do sangue se formam a partir de células-tronco, conhecidas como hematopoéticas. Essas células podem ser encontradas na medula óssea ou no sangue do cordão umbilical. Hoje, nos referimos a um transplante de medula óssea como a um transplante de células-tronco hematopoéticas, já que estas podem ser de origens diferentes”, explica Lúcia da Rocha Silla, professora do curso de Medicina da UFRGS e chefe do Serviço de Hematologia e Transplante de Medula Óssea do Hospital de Clínicas de Porto Alegre.

As células-tronco surgem no ser humano na fase embrionária. Após o nascimento, alguns órgãos ainda mantêm dentro de si uma pequena porção dessas células, responsáveis pela renovação constante desse órgão específico. Elas conseguem se reproduzir, duplicando-se e gerando múltiplas células com iguais características, e conseguem diferenciar-se, ou seja, transformar-se em diversas outras células de seus respectivos tecidos e órgãos.

Hoje, o sistema brasileiro encontra doadores para cerca de 50% dos pacientes no país e mais 20% no exterior

Cordão umbilical – A professora Lúcia Silla esclarece que as células-tronco para o transplante não precisam ser necessariamente oriundas da medula óssea. A técnica de infusão de células-tronco do sangue de cordão umbilical já vem sendo bastante utilizada. Além das doenças onco-hematológicas (leucemias, linfomas, anemia e doenças hereditárias do sangue), essas células são usadas no tratamento das doenças autoimunes (causadas pelos anticorpos). Em vez de 100% de compatibilidade obrigatória entre doador e receptor, no caso dos transplantes de células da medula óssea, o transplante com células de cordão umbilical exige apenas 70% de compatibilidade, pois as células são mais jovens e indiferenciadas.

Em 2001, o Inca inaugurou o Banco de Sangue de Cordão Umbilical e Placentário (BSCUP), o primeiro desse tipo do Brasil, visando aumentar as chances de localização de doadores para os pacientes que necessitam de transplante de medula óssea. “Uma das vantagens do sangue de cordão é que mesmo com alguma incompatibilidade, como as células ainda são imaturas e podem se ajustar, pode-se realizar o transplante. Além disso, o material está disponível para uso imediato, o que agiliza a realização do procedimento”, revela o médico Flávio Paraguassú-Braga, supervisor do BSCUP do Instituto Nacional do Câncer.

O Banco do Inca possui dois tanques com capacidade para estocar cer-



Em Porto Alegre, os doadores podem procurar o Banco de Sangue do HCPA ou do Complexo Hospitalar Santa Casa

ca de 10 mil unidades. Nesse espaço estão armazenadas, até o momento, 4 mil bolsas. A opção de doar ou não parte da gestante. “A doação é extremamente importante, porque quanto mais cordões tivermos armazenados em bancos públicos, maiores as chances dos pacientes na fila. Estimase que quando tivermos 50 mil cordões somados aos doadores voluntários de medula óssea, teremos autossuficiência na área de transplante”, completa o médico.

Os avanços dessa técnica fizeram surgir um novo e polêmico negócio no país: os bancos privados de armazenamento de sangue de cordão umbilical. Guardados em bancos particulares, o material só poderá ser usado pelo próprio bebê ou algum familiar, enquanto em bancos públicos a doação pode ser utilizada por qualquer paciente que necessite. A polêmica é justamente essa: segundo ad-

O armazenamento em bancos privados de células-tronco de cordão umbilical é uma aposta em um futuro que ainda não tem comprovação

vertência do Ministério da Saúde, a possibilidade de usar o cordão para a própria criança é mínima, em torno de 1 para 20 mil. E o custo da armazenagem pode alcançar os 5 mil reais, mais a manutenção mensal, que fica em torno de 700 reais. “Os bancos privados são uma aposta em um futuro que ainda não tem comprovação. Por isso, aqui no Brasil o Ministério da Saúde vem investindo para o crescimento dos bancos públicos, que

têm utilidade comprovada para a população”, comenta o supervisor do BSCUP.

Doar vida – De acordo com Luiz Fernando Bouzas, hoje existem cerca de mil pacientes na fila do transplante de medula, daí a importância do cadastro no Registro Nacional de Doadores de Medula Óssea. Para o doador, o processo é relativamente rápido e não exige mudança de hábitos de vida, trabalho ou alimentação. Por meio de uma pequena cirurgia, de aproximadamente 90 minutos de duração, são realizadas múltiplas punções com agulhas nos ossos posteriores da bacia do doador, sob anestesia geral, e a medula é aspirada. O volume retirado representa no máximo 10% do total da medula, o que não causa qualquer comprometimento à saúde do doador. A medula recupera-se dentro de poucas semanas, enquanto uma vida pode ser salva.

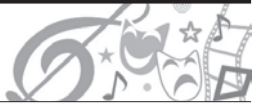
Para ser doador, é preciso ter entre 18 e 55 anos e boa saúde. Os voluntários preenchem um formulário com dados pessoais e é coletada uma amostra de sangue com 5ml para testes. Esses testes determinam as características genéticas que são necessárias para a compatibilidade entre o doador e o paciente. As informações são enviadas para o banco de dados do Redome. A doação de medula óssea é um gesto de solidariedade e de amor ao próximo. Para o doador, a doação será apenas um pequeno incômodo passageiro. Mas, para o doente, pode representar a diferença entre a vida e a morte.

Em Porto Alegre, o voluntário pode procurar o Banco de Sangue do Hospital de Clínicas (mais informações pelo telefone 2101-8504) ou o Hospital Dom Vicente Scherer, no Complexo Hospitalar Santa Casa.

Pedro Cassel, estudante do 4º semestre de Jornalismo da Fabico

Histórico

A medula óssea foi inicialmente utilizada em 1891, num tratamento de leucemia. Desconsiderada por muitos anos, a primeira utilização intravenosa foi realizada somente em 1939. Já em 1944, um pesquisador injetou medula óssea dentro da cavidade medular e concluiu que os resultados pobres eram decorrentes do fato de as células atingirem a grande circulação. Experiências com camundongos, realizadas em 1951, demonstraram que eles poderiam recuperar-se da irradiação se áreas dos fêmures e baço fossem protegidas com chumbo. Posteriormente, em 1952, foi apresentada a recuperação hematopoética após infusão de medula em camundongos irradiados. Esses estudos foram desencadeados pela observação dos efeitos da radiação sobre a hematopoese, com as bombas atômicas lançadas em Hiroshima e Nagasaki. Em 1961, o transplante ganhou maior impulso. No Brasil, os estudos iniciais foram realizados pelo Dr. Ricardo Pasquini e seu grupo do Paraná, que em 1979 realizou o primeiro transplante do país, juntamente com o Dr. Eurípedes Ferreira. Segundo Luiz Fernando Bouzas, diretor do Centro de Transplantes de Medula Óssea (Cemo) do Instituto Nacional do Câncer, atualmente o país possui 42 centros nacionais para transplantes aparentados e oito para transplantes com doadores não aparentados.



Unimúsica destaca cancionistas do Brasil

Extensão

Projeto abre espaço para autores consagrados e novos talentos

Ânia Chala

Um encontro com o músico Arnaldo Antunes, em 1º de abril, marcou o início da programação do projeto Unimúsica do Departamento de Difusão Cultural da Pró-reitoria de Extensão. Na atividade, realizada na Sala II do Salão de Atos, foi coordenada pelo professor de Literatura Brasileira da UFRGS Luís Augusto Fischer, que conversou com o artista sobre breve poesia e canção.

No dia seguinte, Arnaldo ocorreu o show de estreia da série *Cancionistas – música de hoje*, no Salão de Atos. Artista de múltiplas linguagens, ele apresentou composições de seu CD *Ao vivo no estúdio*. O músico começou sua carreira no grupo Titãs, com quem lançou sete discos. Depois de deixar a banda, em 1992, realizou ainda muitos outros, como *Nome* (1993), *Um som* (1999) e *Qualquer* (2006). Fez parte de projetos especiais, entre eles o CD *Tribalistas* (2002), ao lado de Marisa Monte e Carlinhos Brown. Além de participar de diversas mostras de artes plásticas e de poesia virtual, Arnaldo tem textos publicados em revistas literárias e catálogos para exposições. Um de seus livros, *As coisas* (1991), recebeu o Prêmio Jabuti de Poesia em 1992.

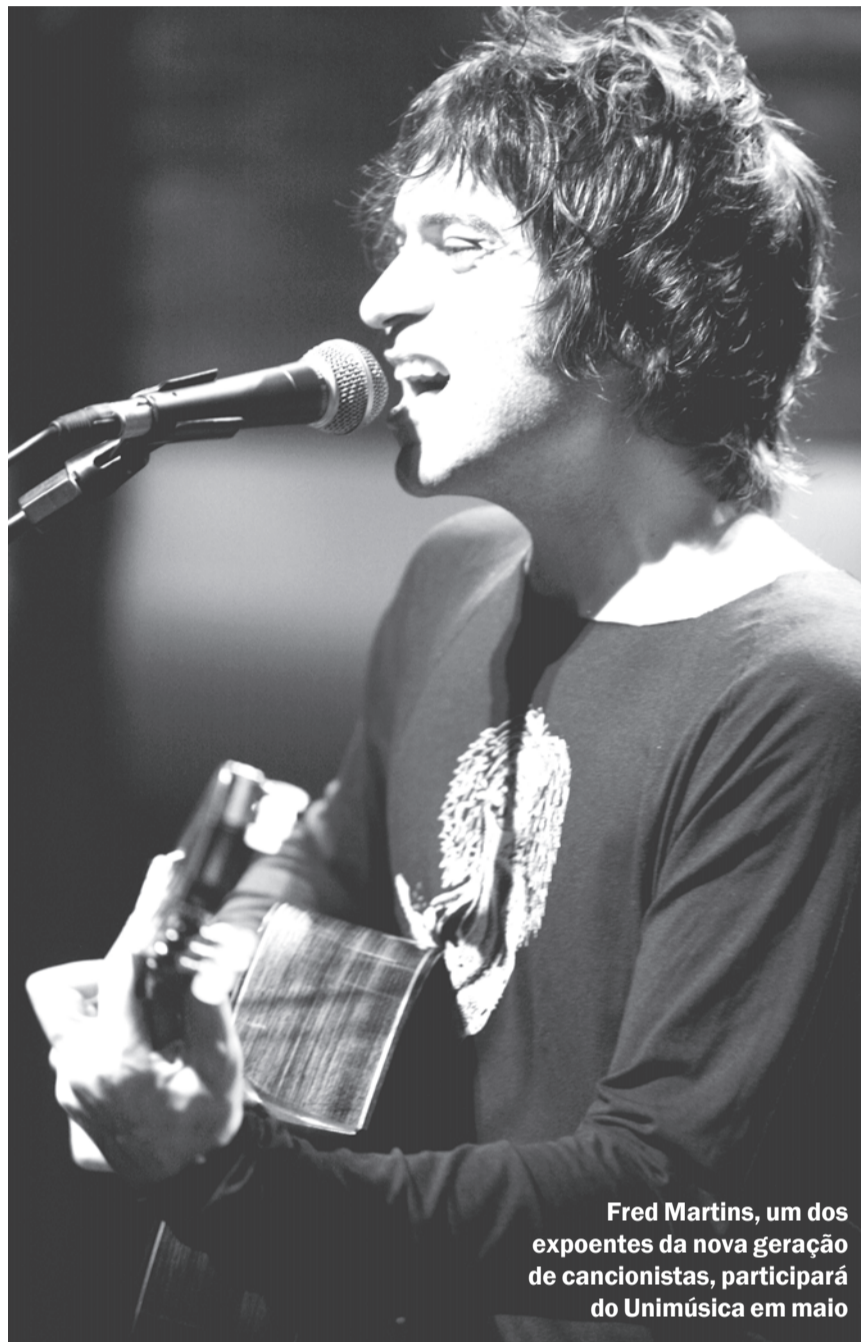
A proposta do Unimúsica 2009, que terá oito espetáculos, é revelar a produção de alguns jovens músicos que têm reinventado a tradição cancionista do Brasil. Ao incluir no programa o compositor uruguaio Daniel Drexler, o projeto pretende também discutir o alcance da canção brasileira, que influenciou – e continua influenciando – artistas de inúmeros países. Além disso, ao abordar os novos parâmetros de criação, produção e difusão para a música, sem deixar de considerar os novos conceitos de cultura, o Unimúsica tem ainda como

objetivo a busca de uma compreensão do fenômeno da canção hoje.

Aposta no novo – Segundo a coordenadora do Unimúsica, Lígia Petrucci, a proposta da série é mostrar a canção contemporânea, cuja característica mais marcante tem sido a pluralidade. “Não temos a pretensão de dar conta da riqueza criativa do país, mas entre o ponto de partida e o de chegada, isto é, entre Arnaldo Antunes e Lenine, que são marcos de uma geração que já se firmou nacionalmente, iremos abrir espaço para jovens compositores.”

Ela recorda que, em 2007, o projeto apresentou uma série dedicada a cancionistas consagradas, como Braguinha, Tom Jobim e Vinícius de Moraes, autores de clássicos da canção popular. “Nesta edição, queremos fazer um contraponto à ideia de que já não se produz boa música brasileira. Na verdade, o que acontece é que a canção não tem mais o lugar que tinha nas décadas de 60 e 70”, explica a coordenadora. Lígia acrescenta que a canção deixou de ser central na cultura brasileira devido à grande diversidade de produção que, no entanto, não produziu nomes aglutinadores, talvez como consequência das transformações na área da produção cultural.

Crerios – Lígia revela que o trabalho de alguns compositores vinha sendo acompanhado há algum tempo, como o de Fred Martins, que recebeu o prêmio Visa de Música Brasileira em 2006. “Além disso, o Conselho Consultivo do projeto, formado pelos jornalistas Juares Fonseca e José Carlos de Azevedo, pelo músico Arthur de Faria, pela professora Luciana Del Bem e pelos professores Luís Augusto e Newton Fischer fez várias sugestões”, conta, acrescentando que descobriu ainda compositores pelo *My Space* – ferramenta da Internet



Fred Martins, um dos expoentes da nova geração de cancionistas, participará do Unimúsica em maio

que permite pesquisar a obra de vários artistas.

Repetindo o que ocorreu em outras edições do projeto, haverá oficinas e encontros com os artistas no dia seguinte aos shows, na Sala Fahrion. Quem quiser participar dessas atividades deverá fazer uma inscrição prévia gratuita junto ao Departamento de Difusão Cultural da Universidade.

Acoplado à programação, haverá um seminário do projeto Unideia, intitulado *Novas ideias sobre a música*,

que ocorre nos dias 3 e 4 de novembro. O encontro reunirá Carlos Sandroni, Guilherme Wisnik e Francisco Bosco, ensaístas e pesquisadores que têm se dedicado ao estudo da canção que se cria hoje no Brasil. No dia 6 do mesmo mês, está prevista uma edição do Unifilme, com a exibição do documentário *Palavra (En)cantada* (Brasil, 2008, 86 min.), da diretora carioca Helena Solberg. O filme investiga a relação entre a poesia e a música popular no Brasil.

Próximos espetáculos

7 de maio – Fred Martins
4 de junho – Daniel Drexler
2 de julho – Kristoff Silva
6 de agosto – Leandro Maia
3 de setembro – Kassin + 2, com Domenico Lancellotti e Moreno Veloso
1º de outubro – Richard Serraria
5 de novembro – Lenine
Apresentações às 19h no Salão de Atos da UFRGS.
Retirada de senhas mediante a doação de 1kg de alimento não-perecível três dias antes de cada show, das 9h às 18h, na bilheteria do Salão de Atos da UFRGS ou pelo site www.difusaocultural.ufrgs.br.

Oficinas e encontros com os artistas

Sala Fahrion, às 14h, entrada franca
8 de maio – Fred Martins
5 de junho – Daniel Drexler
2 de julho – Kristoff Silva
7 de agosto – Leandro Maia
4 de setembro – Kassin + 2
2 de outubro – Richard Serraria

Unideia

Sala II do Salão de Atos da UFRGS, entrada franca
3 e 4 de novembro, 19h - Seminário *Novas ideias sobre a música*, com Carlos Sandroni, Guilherme Wisnik e Francisco Bosco.

Unifilme

Sala Redenção, entrada franca
6 de novembro, 19h - Exibição do documentário *Palavra (En)cantada*.

Informações pelos telefones: 3308-3034 e 3308-3933
Programação sujeita a alterações.

JU indica



O emblema da amizade

Jacques Bonnet, Publifolha, 2005, 143 págs.
R\$ 11 (preço médio)

Romance policial e ao mesmo tempo histórico, o livro apresenta Giordano Bruno – filósofo italiano condenado à fogueira pela Santa Inquisição – como investigador da chacina da família de um livreiro em dezembro de 1582. Auxiliado por um jovem discípulo, o filósofo descobre os motivos do crime ao pesquisar os desdobramentos do massacre da Noite de São Bartolomeu, episódio sangrento promovido pelos reis franceses em repressão aos protestantes que vitimou três mil pessoas somente em Paris. Personagens verdadeiros e documentos autênticos se misturam com os forjados, e a História não se mostra apenas como pano de fundo. Assim, o leitor é fisgado tanto pela solução do crime quanto pelo mundo do Renascimento,

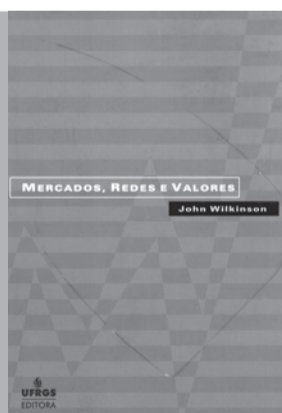
convulsionado por crises violentas. O autor põe na boca de Giordano Bruno reflexões mordazes, como no trecho a seguir, em que o filósofo confia a seu discípulo sua visão particular da justiça: “Tenho uma visão bem mais prática e uma convicção muito simples: a justiça não existe. Há um poder soberano que impõe sua lei aos que dependem dele. Um poder, aliás, capaz de mudar a dita lei ao sabor das circunstâncias. É por essa lei que os príncipes reinam e os reinos e repúblicas se mantêm. Essa lei adapta-se à índole e à natureza dos povos e das nações, rechaçando a audácia orgulhosa pelo temor da justiça e dos suplícios”. Sem dúvida, um livro para ler de um só fôlego. (Ânia Chala)

Tramando falas e olhares, compartilhando saberes

José Antônio dos Santos, Rita de Cássia Camisolão e Véra Neusa Lopes (orgs.) Editora da UFRGS, 2008, 160 págs.
R\$ 20 (preço médio)



A obra, que tem o subtítulo “Contribuições para uma educação antirracista no cotidiano escolar”, apresenta os resultados dos dois primeiros anos de atividade do programa “Educação antirracista no cotidiano escolar” e inaugura a série Diversidades, proposta pelo Departamento de Educação e Desenvolvimento Social da Pró-reitoria de Extensão, com o objetivo de sensibilizar os professores para a temática História e Cultura Afro-brasileira. Um dos destaques é o artigo intitulado “A categoria raça nas Ciências Sociais e nas políticas públicas no Brasil”, do antropólogo José Carlos Gomes dos Anjos. No texto, o autor defende a necessidade da desracionalização da nação como fundamental para a constituição da dignidade étnico-racial negra e indígena. (A.C.)



Mercados, redes e valores

John Wilkinson Editora da UFRGS / Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural, 2008, 213, págs.
R\$ 30 (preço médio)

O autor, professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, analisa as opções estratégicas da agricultura familiar a partir do estudo das transformações ocorridas no sistema agroalimentar – a desregulamentação e a globalização dos mercados, a transnacionalização dos atores dominantes e as mudanças nos padrões do consumo de alimentos. Também reflete sobre as relações conflituosas e de interdependência com o agronegócio. A abordagem do especialista utiliza-se de quatro enfoques analíticos: as teorias heterodoxas de inovação, as redes sociais da sociologia econômica, a teoria das convenções e a noção de novos movimentos sociais econômicos. O livro integra a série Estudos Rurais do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural. (A.C.)

Muito barulho para tão pouco

Acordo ortográfico

Linguistas questionam extensão da reforma da língua portuguesa comparada à repercussão em setores como a educação

Jacira Cabral da Silveira

Qüe, qüi, güe, güi definitivamente viraram nostalgia, matéria de recordação para quem aprendeu a memorizar a sequência para o uso do trema na língua portuguesa. Desde janeiro deste ano até dezembro de 2012, todo brasileiro deverá incorporar em sua escrita as mudanças promovidas pelo Acordo Ortográfico assinado em Lisboa em 16 de dezembro de 1990 e promulgado por decreto pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva em 29 de setembro do ano passado.

Uma das justificativas do acordo para os países que o assinaram, Portugal, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Timor Leste e Brasil, todos integrantes da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), é a inclusão do Português entre as línguas oficiais da Organização das Nações Unidas (ONU), somando-se ao árabe, chinês, espanhol, francês, inglês e russo. “O peso político de todos os nossos países vai aumentar se a língua portuguesa tiver uma importância maior”, argumentou o primeiro-ministro de Portugal, José Sócrates, na *I Reunião Extraordinária de Ministros de Educação e Cultura da CPLP*, realizada em novembro de 2008 em Lisboa.

Chefe do Departamento de Linguística, Filologia e Teoria Literária do Instituto de Letras da UFRGS, Luiz Carlos da Silva Schwindt questiona essa justificativa para a promulgação do acordo. Conforme o linguista, “por que a ONU não optaria por uma versão do português assim como fez com outras línguas”. Por outro lado, ele reconhece o caráter identitário da língua escrita para uma nação: “A língua escrita é estática, dura mais tempo, por isso tem uma dimensão socioeconômica e política muito grande. Ela é uma das expressões de nacionalidade de um povo, assim como a bandeira”.

Unificação? – Outro argumento dos defensores do acordo, e que também gerou críticas, é o tema da unificação. Nesta perspectiva, o setor editorial ampliaria seu mercado, pois uma obra editada no Brasil, por exemplo, poderia ser vendida em Angola sem o atual conflito da falta de uma língua portuguesa universal. “Isso é utópico”, afirmam especialistas como o escritor gaúcho Cláudio Moreno, professor aposentado do curso de Letras da UFRGS e, nos últimos anos, coordenador dos Colégios Leonardo da Vinci Alfa e Beta, de Porto Alegre.

“A ideia de que vamos escrever igual em todos os países de língua portuguesa é utópica, uma besteira”, afirma Moreno. Isso porque a ortografia não reflete pronúncias diferentes. “Estão legislando sobre algo que é muito maior do que eles”, observa. Para o linguista, é impossível impor uma regra para sociedades lusófonas muito distintas.

Schwindt concorda com Moreno; para ele, em torno de 0,5% apenas do vocabulário do português falado no Brasil será alterado, ao passo que em Portugal a mudança será de 1,6%. Quanto à ideia de maior divulgação da literatura brasileira a partir do acordo, o professor da UFRGS diz que isso não vai ocorrer porque não é a gramática que está mudando nem a forma como as frases se organizam (sintaxe), tampouco a forma como as palavras se formam (morfologia): “Nenhum desses aspectos é atingido pela reforma e são esses os que mais importam à compreensão de um texto”.

O presidente da Associação Brasileira dos

Autores de Livros Educativos (Abrale), José De Nicola, também questiona o argumento da unificação, pois em Portugal o Acordo entrará em vigor apenas em janeiro de 2014, e em Angola e Moçambique as discussões mal começaram. Mas nem todos têm a mesma opinião nesse assunto. Conforme a presidente da Câmara Brasileira do Livro, Rosely Boschini, o Acordo é uma ótima oportunidade para o setor ampliar o mercado no exterior. “Além disso, as novas regras podem resolver um antigo problema das editoras: o de ter de adaptar os livros produzidos aqui para o português usado nos diferentes países de língua portuguesa”, observa. Ela salienta ainda que, em todo o mundo, são aproximadamente 247 milhões de pessoas que falam o português.

Aspectos como a sintaxe e a morfologia não foram atingidos pelo Acordo e são os que mais importam à compreensão de um texto

Mercado editorial – Nicola critica a pressão do MEC, que provocou, num curto espaço de tempo, grande volume de trabalho para autores e editores, que tiveram de adaptar ao longo de 2008 as obras inscritas nos programas governamentais e as destinadas ao mercado privado. Segundo estimativa da Câmara Brasileira do Livro (CBL), o custo da adequação pode chegar a R\$ 60 milhões. “A quantidade de alterações representa muito pouco, mas são suficientes para deixar ‘velhos’ milhões de livros”, avalia o dirigente.

Vale lembrar, entretanto, que os livros didáticos representam o principal segmento no mercado editorial brasileiro. De acordo com a presidente da CBL, só em 2006 o setor chegou a R\$ 872 milhões, com cerca de 66 milhões de exemplares vendidos, representando mais de 41% do total do mercado. “O governo federal é

o maior responsável por esses valores. Somente no ano passado, o MEC comprou mais de 120 milhões de exemplares, o equivalente a R\$ 882 milhões”, salienta Boschini.

Vida de professor – Mas a principal repercussão, para Schwindt, será na vida do professor de português. Nem mesmo o aluno sentirá tanto, porque já vinha fazendo subtrações como o trema. “Os professores têm de fazer uma boa reciclagem para se sentirem seguros, até para saber onde pesquisar e qual a direção dessa consulta.” Neste sentido, Moreno lembra que nem mesmo a Academia Brasileira tem material conclusivo, pois as duas edições do dicionário da Academia Brasileira demonstram que nem mesmo Bechara, responsável pelo setor de lexicografia da Academia, tem ainda domínio da matéria.

Como coordenador de uma rede de escolas privadas, Moreno diz que vai orientar os professores a trabalhar as duas grafias durante o período de transição, para que os alunos consigam conviver com a forma antiga em livros, rótulos, etc. Algumas escolas do setor privado estão oferecendo oficinas para professores e para pais dos alunos. As bibliotecas, entretanto, são consideradas as maiores prejudicadas. “Esse é o grande problema”, lamenta a responsável pela Divisão de Ensino Médio da Secretaria de Educação do Estado, Jane Graeff, ao lembrar que só no Rio Grande do Sul são 2.700 acervos de bibliotecas escolares que vão ficar defasados. Quanto ao ano letivo de 2009, afirma que a ação máxima da SEC/RS nas escolas de ensino fundamental e médio da rede pública estadual será a divulgação do Referencial Curricular.

Com relação ao Acordo Ortográfico, ela revela que não existe ação alguma da Secretaria, tampouco há previsão: “Não há momento no calendário escolar”, justifica. Caberá aos professores encontrar a forma mais adequada de trabalhar o tema.

Saiba mais

Texto na íntegra do Acordo Ortográfico: www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Decreto/D6583.htm
Software livre com corretor ortográfico que reconhece variações da nova regra (pág. MEC) www.broffice.org/download



Memória dos acordos ortográficos

- 1911 – Portugal adota a primeira grande reforma ortográfica, mas não foi extensiva ao Brasil.
- 1931 – Assinado primeiro acordo ortográfico entre Brasil e Portugal.
- 1945 – Convenção Ortográfica Luso-Brasileira sem sucesso, porque foi adotada em Portugal, mas não no Brasil.
- 1971 no Brasil e 1973 em Portugal – Promulgam-se leis que reduzem substancialmente as divergências ortográficas.
- 1975 – Nova tentativa de projeto de acordo, mas que não vingou por questões políticas, principalmente em Portugal.
- 1986 – Reunião realizada no Brasil, à qual comparecem pela primeira vez na história da língua portuguesa representantes não apenas do Brasil e de Portugal, mas também de cinco países africanos lusófonos de colonização portuguesa.

Algumas das mudanças

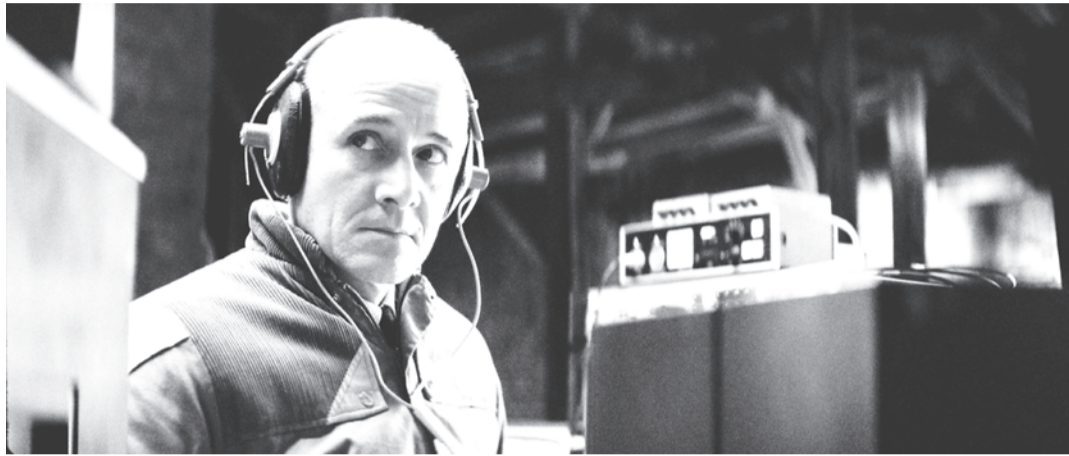
- As letras **K**, **W** e **Y** voltam a fazer parte do alfabeto.
- Supressão do trema (¨) em palavras com **gue**, **gui**, **que**, **qui** (ex: aguentar, arguir, cinquenta, tranquilo).
- Supressão do acento diferencial nas palavras pára/para, péla/pela, pêlo/pelo, pólo/polo e pêra/pera, mas permanece nos verbos pôr e pôde, assim como os usados para diferenciar o plural do singular nos verbos (ex: tem/têm).
- Supressão do acento agudo nos ditongos abertos **ói** e **éi** das palavras paroxítonas (ex: alcaloide, apoia, boia, colmeia).
- Supressão do acento agudo no **l** e no **u** tônicos depois de ditongos em palavras paroxítonas (ex: feitura).
- Supressão do acento circunflexo nas palavras terminadas em **êem** e **ôo(s)** (ex: leem, voo, enjoo).
- Supressão do hífen nas palavras compostas cujo segundo elemento comece com as letras **s** ou **r**, que deverão ser duplicadas (ex: antirracismo, antissocial), e nos casos em que se conjuguem vogais diferentes no final e no começo dos elementos da composição (ex: antiaéreo, autoestrada).

Fonte: página do MEC

► **Redação** Caroline da Silva | Fone: 3308-3368 | Sugestões para esta página podem ser enviadas para jornal@ufrgs.br

DESTAQUE

História e cinema: fórmula de sucesso



Extensão

Ciclo organizado por estudantes traz filmes que abordam os anos finais de década

O Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS está realizando um curso de extensão baseado em filmes que retratam os anos finais de década da História Contemporânea. O ciclo de cinema, história e educação intitula-se "A prova dos 9: crises, conflitos e revoluções ao longo da História Contemporânea" e tem sessões comentadas aos sábados à tarde, às 15h30min, na Sala Redenção. A exemplo de outras

iniciativas que utilizam a sétima arte para abordar períodos históricos, a atividade foi proposta pelos próprios estudantes do curso de História da Universidade e tem a coordenação do professor Cesar Guazzelli. A programação é aberta a estudantes, professores e público em geral, com venda de ingressos avulsos para as jornadas, de acordo com a disponibilidade da sala, por R\$ 3. Informações pelo e-mail: aprovadosnoveufrgs@gmail.com.

PROGRAMAÇÃO

1ª Jornada. 1789. A Revolução Francesa. O 9 Inaugural. CASANOVA E A REVOLUÇÃO (FRA/ITA, 1982, 116 min.), de Ettore Scola
Dia e horário: 28 de março, 15h30min
Comentadores: Cesar Guazzelli e Temístocles Cezar

2ª Jornada. 1919. A Flor e a Revolução: Rosa Luxemburgo e A Revolução Spartakista. ROSA DE LUXEMBURGO (ALE, 1986, 122 min.), de Margarethe Von-Trota
Dia e horário: 4 de abril, 15h30min
Comentadores: Marisângela Martins e Leticia Schneider

3ª Jornada. 1929. Das crises, mais uma... A LUTA PELA ESPERANÇA (EUA, 2005, 144 min.), de Ron Howard
Dia e horário: 18 de abril, 15h30min
Comentadores: Luiz Miranda e Luciana Pazini Papi

4ª Jornada. 1939. Os santos de barro são mudos: as omissões que propiciam o horror. Nazismo e II Guerra Mundial. AMÉM (FRA, 2002, 132 min.), de Costa-Gavras
Dia e horário: 25 de abril, 15h30min
Comentadores: Luiz Dário Teixeira Ribeiro e Gerson Fraga

5ª Jornada. 1949. A grande marcha de Balzac: da Revolução Popular à Revolução Cultural. BALZAC E A COSTUREIRINHA CHINESA (CHI/FRA, drama, 2002, 110 min.), de Dai Sijie
Dia e horário: 9 de maio, 15h30min
Comentadores: André Reis da Silva e Miguel dos Santos

6ª Jornada. 1959. A História me absolverá: as barbas da Revolução nas barbas do Império. FIDEL (EUA, 2002, 151 min.), de David

Attwood
Dia e horário: 16 de maio, 15h30min
Comentadores: Cesar Augusto Barcellos Guazzelli e Charles Sidarta Machado Domingos

7ª Jornada. 1969. A corrida espacial. 2001 UMA ODISSÉIA NO ESPAÇO (EUA, 1968, 149 min.), de Stanley Kubrick
Dia e horário: 23 de maio, 15h30min
Comentadores: Lucas Monteiro e Marcio Mendes Carvalho.

8ª Jornada. 1979. O cinema foi para Manágua lutar pela Revolução: a guerrilha Sandinista e a atuação dos contras. UMA CANÇÃO PARA CARLA (ESP/ALE/ING, drama, 1996, 127 min.), de Ken Loach
Dia e horário: 30 de maio, 15h30min
Comentadores: Cláudia Wasserman e Fábio Sosa

9ª Jornada. 1989. Terror de Estado e Estados em queda. A VIDA DOS OUTROS (ALE, 2007, 137 min.), de Florian Henckel Von Donnersmarck
Dia e horário: 6 de junho, 15h30min
Comentadores: Rafael Hansen Quinsani e Sandro Gonzaga

10ª Jornada. 1999. Todo Império perecerá: Columbine e o novo milênio que se avizinha. ELEFANTE (EUA, 2003, 85 min.), de Gus Van Sant
Dia e horário: 13 de junho, 15h30min
Comentadores: Alexandre Andrades e Nilza da Rosa Silva

11ª Jornada. 2019. O futuro-passado no presente. BLADE RUNNER O CAÇADOR DE ANDRÓIDES (EUA, 1982, 112 min.), de Ridley Scott
Dia e horário: 20 de junho, 15h30min
Comentadores: Fatimalei Lunardeli e José Orestes Beck

CINEMA

A UFRGS quer mexer com a sua cabeça

Ciclo com filmes clássicos e contemporâneos que prometem desorganizar as ideias e o pensamento dos espectadores. A produção do Departamento de Difusão Cultural da Pró-reitoria de Extensão tem curadoria de Tânia Cardoso de Cardoso e apoio do Centro de Entretenimento E o Vídeo Levou.

CIDADE DE DEUS



(Brasil, 2001, 135 min.), de Fernando Meirelles
A história do conjunto habitacional Cidade de Deus, criado pelo governo carioca em meados dos anos 60 e que se tornou um dos maiores polos de controle do tráfico na região.
Sessões: 30 de março, às 19h, e 31 de março, às 16h
Local: Sala Redenção
Entrada franca

HOMEM OLHANDO O SUDESTE (Argentina, 1986, 105 min.), de Eliseo Subiela
Desde o dia em que pôs os pés no hospital psiquiátrico, jovem afirma ser um extraterrestre em missão secreta na Terra.
Sessão: 31 de março, às 19h
Local: Sala Redenção
Entrada franca

ABRIL DESPEDAÇADO (Brasil, 2001, 95

min.), de Walter Salles
No sertão brasileiro, filho é impellido pelo pai a vingar a morte do seu irmão, vítima da luta ancestral entre famílias pela posse da terra.
Sessão: 1º de abril, às 16h
Local: Sala Redenção
Entrada franca

HIROSHIMA MON AMOUR



(França, 1954, 90 min.), de Alan Resnais
Ao participar de um filme sobre a paz, em Hiroshima, nos anos 50, atriz francesa apaixonou-se por arquiteto japonês.
Sessões: 1º de abril, às 19h e 2 de abril, às 16h
Local: Sala Redenção
Entrada franca

ASAS DO DESEJO



(Alemanha, 1987, 127 min.), de Wim Wenders
Dois anjos observam o dia-a-dia dos habitantes de Berlim, até que um deles se apaixonou por trapezista.
Sessões: 2 de abril, às 19h e 3 de abril, às 16h
Local: Sala Redenção
Entrada franca

ADEUS MENINOS



(França, 1987, 103 min.), de Louis Malle
Durante a Segunda Guerra Mundial, garoto se torna amigo de um introvertido colega de classe que posteriormente descobre ser judeu.
Sessões: 3 de abril, às 19h e 10 de abril, às 16h
Local: Sala Redenção
Entrada franca

QUERO SER JOHN MALKOVICH (EUA, 1999, 112 min.), de Spike Jonze
Homem com problemas financeiros aceita um trabalho temporário como arquivista de uma empresa. Ao encontrar uma porta que leva à mente do ator John Malkovich, tem a ideia de ganhar dinheiro cobrando uma taxa para quem quiser entrar na mente do ator.
Sessões: 10 de abril, às 19h, e 13 de abril, às 16h
Local: Sala Redenção
Entrada franca

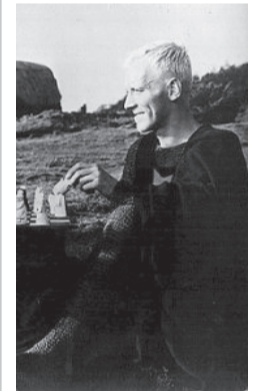
O TAMBOR (Alemanha, 1979, 141 min.), de Volker Schlöndorff
Na cidade de Danzig, entre os anos de 1920 e 1930, mãe promete que dará um tambor ao filho quando ele completar três anos. Após um incidente, o menino decide não crescer mais.
Sessões: 13 de abril, às 19h, e 20 de abril, às 16h
Local: Sala Redenção
Entrada franca

BAGDAD CAFÉ (EUA, 1993, 101 min.), de Harold Harris
Abandonada pelo marido em pleno deserto do Arizona, turista alemã é acolhida no posto-motel Bagdad Café.
Sessões: 20 de abril, às 19h e 21 de abril, às 16h
Local: Sala Redenção
Entrada franca
JESUS DE MONTREAL (Canadá, 1989, 118 min.), de Denys Arcand
Ator monta espetáculo baseado na Paixão de Cristo, mas enfrenta a censura da Igreja. Na luta para salvar a peça, ele passa por uma crise de identidade.
Sessões: 21 de abril, às 19h, e 22 de abril, às 16h
Local: Sala Redenção
Entrada franca

Imagem e conceito: filosofia, cinema e educação

Ciclo de filmes e debates organizado pela Faculdade de Educação da UFRGS, sob a coordenação do professor Luiz Carlos Bombassaro. O objetivo é debater as relações entre filosofia e educação, a partir de uma perspectiva histórico-conceitual.

O SÉTIMO SELO



"Quem ganha esse jogo?" (Suécia, 1957, 100 min.), de Ingmar Bergman
Depois de dez anos, cavaleiro retorna das Cruzadas e encontra sua vila destruída pela Peste Negra.
Sessão: 9 de abril, quinta-feira
Local e horário: sala 601 da Faced, às 18h30min
Entrada franca

CURSOS & PALESTRAS

Os novos temas da agenda internacional: o Brasil e o mundo

Curso de extensão que busca compor um espaço de debates sobre as relações internacionais contemporâneas, propondo discussões sobre a ampla agenda e os múltiplos atores que compõem hoje o cenário internacional, com destaque para a atuação do Brasil na região e no

mundo. Promoção do Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais da UFRGS.
Período: 18 de abril a 27 de junho
Local e horário: Pantheon do IFCH no Câmpus do Vale, aos sábados, das 8h30min às 12h30min
Inscrições: até 13 de abril
Custo: R\$ 200 (estudantes) e R\$ 300 (público em geral)
Informações: www.ufrgs.br/intrel

PLANETÁRIO

Projeto Selene

Observação da Lua, planetas e astros notáveis do céu de Porto Alegre através de telescópios. Como ocorre a céu aberto, a observação será cancelada caso as condições do clima não sejam favoráveis.
Dias: 4 e 5 de abril, sábado e domingo
Local e horário: pátio do Planetário, logo após o pôr-do-sol
Entrada franca

ONDE?

Faculdade de Educação (Faced)
Av. Paulo Gama, s/n.º
Fone: 3308-4160

Museu da UFRGS
Av. Osvaldo Aranha, 277
Fone: 3308-4022

Pantheon do IFCH
Av. Bento Gonçalves, 9500
Fone: 3308-6644

Planetário
Av. Ipiranga, 2000 – esquina com a Ramiro Barcelos
Fone: 3308-5384

Sala Redenção
Rua Luiz Englert, s/n.º
Fone: 3308-3933

Salão de Atos e Sala II da UFRGS
Av. Paulo Gama, 110
Fone: 3308-3066

Fundação Ecarta
Av. João Pessoa, 943
Fone: 4009-2970

RÁDIO

Música em Pessoa

Programa produzido pelo Departamento de Música na Rádio da Universidade. O projeto é coordenado pelo professor Dimitri Cervo, com produção de Miguel Canabarro e apresentação de Ana Laura Freitas. Tema: trabalhos que são fruto da graduação e da pós-graduação em Música da UFRGS. Convidada: violinista e maestro Fredi Gerling la sobre sua preocupação em ampliar o repertório para seu instrumento e sobre seus projetos para 2009, apresentando material

musical inédito, como gravações ao vivo no auditório da Escola Superior de Música de Stuttgart, na Alemanha, onde cursou mestrado. Data: 29 de março, domingo
Transmissão: às 11h, pelos 1.080 AM da Rádio da Universidade. Também é possível ouvir pela Internet, pelo site www.ufrgs.br/radio.

EXPOSIÇÃO

(In)visíveis Lugares – Serestarficar



Memória da Universidade através de fotos de seus prédios. Promoção do Museu da UFRGS e da Secretaria do Patrimônio Histórico. Visitação: até 24 de abril, de segunda a sexta-feira, das 9h às 18h
Agendamento de turmas: 3308-3159 ou museu@museu.ufrgs.br
Entrada franca

Arte mural

Mostra do trabalho do Núcleo de Painéis e Murais, integrado por estudantes e egressos do Instituto de Artes. Participam: Antonia Indruziak, Ariana Ferrari, Alejandro Ruiz, Carlos Eduardo Galón, Heloisa Germany, Sarah Szekir, Luana Mitto, Giovana Leal, Sheila Prade, Eduardo Müller, Glenda Soares, Sílvia do Canto, Lucas Lima e Talins Souza.
Visitação: até 19 de abril, de terça a domingo, das 10h às 19h
Local: Fundação Ecarta
Entrada franca

MÚSICA

Concertos Ospa

Apresentação da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre que inaugura a série 2009 de concertos oficiais do convênio OSPA/UFRGS. A regência será do maestro Isaac Karabtschevsky e terá como solista Hugo Pilger ao violoncelo.
Data: 7 de abril, terça-feira
Local e horário: Salão de Atos da UFRGS, às 20h30min
Ingresso: R\$ 20 (300 ingressos estarão à disposição da comunidade acadêmi-

ca, os interessados obterão uma senha no site www.difusaoocultural.ufrgs.br, que deverá ser trocada pelo ingresso na bilheteria do Salão, antes do evento)

Vale Doze e Trinta



Show com a banda *Carne de Panela*. A banda é formada por Mathias Velho (violão e voz), Lucas Dellazzana (bateria), Juliano Luz (baixo), Guilherme Sanches (percussão), Jeferson Azevedo (percussão) e Vinicius Ferrão (bandoim e cavaquinho).
Data: 6 de abril, segunda-feira
Local e horário: ao lado do Bar do Antônio do Câmpus do Vale, às 12h30min
Entrada franca

Meu Lugar na UFRGS



BRUNA GOSS/JU

Serviço padrão

– Posso jogar o chapéu para a plateia?
– Não, porque, se o barrete for extraviado, tu terás de pagar à produtora!
– E se meu pé enrolar na serpentina, eu tropeçar e cair?
– Não haverá serpentina; nem confete, muito menos chuva de papel picado...

Nos períodos de formatura, com quantas piadinhas dessas Cláudio Alberto Vargas Martins precisa lidar? Para a conclusão do semestre 2008/2, foram agendadas 41 refeições de grau de dezembro a março. Em média, são três ensaios para formatura por dia. O técnico do Salão de Atores responde a todas as brincadeiras com a maior seriedade e se mostra corajoso: “Mais alguma dúvida?”.

Ocupando o cargo de porteiro no quadro da Universidade, Cláudio é responsável pelo cerimonial das conclusões de graduação e faz questão de ensaiar todos os formandos para a colação de grau. Ele afirma gostar da função e assegura que uma só pessoa conduzindo o treino garante que todos os cursos tenham os mesmos rituais: “Mesmo que o Joel, colega meu, ou o Mozart, venha trabalhar no dia da cerimônia, o padrão é o mesmo”.

Em toda a sua fala, o servidor demonstra muita preocupação com a padronização e a ordem do que ocorre naquele espaço da UFRGS para grandes eventos. Cláudio conta que existem normas para a utilização do local. “Em primeiro lugar, preservar o patrimônio do Salão de Atores. Em segundo - uma norma muito batida por nós que as empresas às vezes não gostam de respeitar -, a sobriedade da decoração. Uns querem fazer algo tipo um circo, um megashow numa formatura.” A orientação da equipe é que a decoração seja feita com toalhas e arranjos de flores, “sempre procurando ser baixinho e discreto, nada espalhafatoso. Para que não se torne esculhambação, senão vem uma aqui e quer trazer canhão de luz, vem outra e quer trazer um show para os estudantes. ‘Medicina’ tem dinheiro e pode pagar um show; a ‘História’, coitada, não tem tanto dinheiro assim e não pode pagar”. O funcionário enfatiza que, para não haver discrepâncias entre uma cerimônia e outra, o que o Salão oferece para os formandos é o mesmo em todos os cursos.

O Salão de Atores da Universidade firma um contrato com as produtoras de formaturas para o cumprimento das regras (determinação da quantidade de equipamentos e decoração, por exemplo). Todas as produtoras são convocadas para

uma reunião antes do período de colações e informadas do que podem ou não organizar. “Elas têm de concordar com isso; são as normas da casa!”, diz Cláudio. Perguntado sobre o que ocorre se as normas forem desrespeitadas, o técnico responde: “A gente não deixa acontecer”. Ele narra um episódio em que outro funcionário do Salão, Joel, o alertou sobre várias torres com panos estendidos montadas no palco, inclusive atrás da mesa das autoridades. “Ele me perguntou se eu tinha deixado montar, e eu não tinha visto. Fui lá e mandei tirar tudo. Eles retiraram.”

Foi de Cláudio a ideia de uma equipe de apoio a formaturas usar traje social em cerimônias acadêmicas. “Fui fazer um evento no Hospital de Clínicas, no teatro deles, e vi os funcionários do HCPA todos de terno. Achei bacana aquilo.” Então, reivindicou à Proreitoria de Extensão que providenciasse ternos de microfibra escuros para manter a elegância e recepcionar melhor o público, ficando no mesmo nível dos visitantes e despertando respeito. Foi feita uma licitação e adquiridos os trajes. O servidor explica que, mesmo em eventos que não são promovidos pela UFRGS, a equipe procura vestir preto, que é o *padrão* no meio artístico para guardar a discrição.

O técnico costuma falar que o Salão é o terminal da fábrica de fazer formandos. A importância do seu trabalho para a Universidade é justamente apresentar à sociedade o seu produto: “É a saída como profissionais”.

O ‘teatro’, como Cláudio chama, tem capacidade para 1.309 pessoas sentadas. Além dele, há a Sala II, com 266 cadeiras. O Salão de Atores tem ainda duas salas de apoio (onde os graduandos vestem as togas e fazem as fotografias), uma sala VIP e sete camarins. “Passam 500 mil pessoas por aqui durante um ano, de índio a intelectual. Pô, é um local magnífico de trabalhar! Então, esse é o meu lugar”, conclui.

Caroline da Silva

Esta coluna é resultado de uma parceria entre o JU e a UFRGS TV. Os programas de televisão com as entrevistas aqui publicadas serão exibidos ao longo da programação do Canal 15 da NET às segundas, terças, quintas e sextas-feiras, a partir das 21h30min.

Você tem o seu lugar na UFRGS?

Então escreva para jornal@ufrgs.br e conte sua história - ou a de alguém que você conheça - com esse local

Perfil De médico a professor

Opção pela História
Cesar Guazzelli abandonou a carreira de neurocirurgião para estar em sala de aula

Ânia Chala

A vida de Cesar Augusto Barcellos Guazzelli teve uma guinada profissional incomum: neurocirurgião, optou por dedicar-se à carreira de professor universitário. Nascido em Porto Alegre em 1951, aqui morou até os três anos de idade, quando sua família mudou-se para Vacaria, cidade natal de seu pai, o advogado criminalista Eloar Guazzelli. “Lá vivemos até 1963, quando retornamos à capital. Fiz o ginásio e o científico, que equivalia àquela época ao segundo grau, no Colégio de Aplicação. Em 1970, ingressei na Faculdade de Medicina da UFRGS, me formando em 13 de dezembro de 1975. Cursei a residência, trabalhando primeiro como neurocirurgião e depois como neurologista.”

Depois de quase uma década de exercício profissional, decidiu prestar vestibular para o curso de História em 1984. A explicação para essa mudança está no relato autobiográfico publicado na revista *Anos 90*, do Programa de Pós-graduação em História: “[...] para satisfazer uma antiga demanda pelas angústias que as Ciências Humanas debatiam e que o Curso de Medicina fora avaro em oferecer; ou talvez puro diletantismo; ou, quem sabe, um certo enfuro por discussões sem uma maior base teórica e empírica sobre o Brasil, a América Latina, a democracia, o socialismo, a ditadura, a revolução, a verdade, e por aí fora!”.

Paralelamente, em 1986, Guazzelli foi admitido no mestrado da Medicina, tendo seguido por dois anos com ambos os cursos. “Além disso, continuei mantendo o consultório, atividade que só interrompi em 1988, quando recebi uma bolsa sanduíche da Capes e fui fazer minha pesquisa na Argentina”, lembra.

Rebalçado - 1988 foi um ano atípico: depois de passar alguns meses em Buenos Aires, Guazzelli inscreveu-se no concurso para professor da UFRGS na área de História da América e foi classificado em segundo lugar. “Havia apenas uma vaga, que foi ocupada por minha colega Cláudia Wassermann. Porém, em novembro, quando retornei da Argentina para passar meu aniversário com a família, fiquei sabendo que haviam surgido novas vagas por aposentadoria de professores. Assim, em 18 de novembro de 1988 tornei-me professor auxiliar do Departamento de História. Foi então que abandonei definitivamente a Medicina, decisão da qual jamais me arrependi.”

Para Guazzelli, uma das melhores lembranças daquele ano foi o período



FLÁVIO DUTRA/PROJETO CONTATO

de vivido na capital portenha. “Sou apaixonado por aquela cidade. Tive de ficar longe de casa, o que foi difícil, porque já era casado e meu filho mais velho tinha 1 ano e meio. Mas me integrei a um grupo de argentinos e brasileiros que se reunia para conversar, fazer festa, ouvir música.”

O professor revela que não enfrentou resistência alguma por parte da família na hora de trocar de carreira. “No entanto, meu pai continuou me apresentando às pessoas como ‘seu filho neurocirurgião’. O mais engraçado foi quando dona Doralice, a nossa faxineira, começou a dizer que todos choravam sem parar, porque eu havia sido rebaixado de doutor a professor.”

O professor universitário deve assumir funções administrativas, porque elas são uma oportunidade de influir nos rumos institucionais

Mocinhos e bandidos - Da infância, o professor conservou a paixão pelo cinema e pelo *western* americano. Ele recorda que suas brincadeiras de guri eram todas na rua e que seus modelos eram os heróis das matinês de domingo. “Normalmente eram sessões duplas com um intervalo no meio. Antes da sessão, na fila de entrada, havia a troca de gibis. De-

pois do intervalo, vinha um seriado, que era o mais importante. Os *westerns* predominavam.” Guazzelli observa que a troca de gibis é um hábito que ainda persiste, não mais nos cinemas, mas nos briques de final de semana, em que as pessoas se reúnem para trocar revistas que hoje são raridades.

Segundo ele, o trabalho do historiador e do médico se assemelha. “Na Medicina, a partir de determinado conjunto de observações, sintomas e sinais, montamos um quadro clínico. Isso é também o que o historiador faz, pois, partindo de dados e indícios, procuramos reconstituir fatos do passado.”

Outra característica herdada da prática médica é a capacidade de discernir o que é realmente urgente. “Quando todos ficam apavorados com os prazos de relatórios e questões burocráticas, sempre digo que urgência é uma cabeça quebrada, o resto tem tempo para se resolver.”

Como historiador, Guazzelli considera importante a concessão de entrevistas e a participação em programas de rádio e televisão. “Os professores têm muita resistência em participar desses programas, porque acham que a imprensa distorce e simplifica o tratamento de determinadas questões. Penso que, quando deixamos de comparecer, perdemos um espaço importante para a defesa de nossas ideias.” Até abril, ele estará à frente da vice-direção do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Depois, tem planos de se dedicar com mais intensidade às aulas na graduação e na pós-graduação do curso de História.

Finalmente, Guazzelli entende que o professor universitário deve assumir funções administrativas, porque elas são uma oportunidade de influir nos rumos institucionais: “Alguns colegas se queixam do acúmulo de funções acadêmicas e administrativas, mas acho que isso faz parte do trabalho numa universidade pública. Mesmo com todos os problemas, é melhor do que entregar a gestão a uma empresa privada.”



Histórias do mundo

TEXTO E FOTOS GABRIELA DI BELLA



GABRIELA DI BELLA

É JORNALISTA E REPÓRTER-FOTOGRAFICA DO JORNAL DO COMÉRCIO DE PORTO ALEGRE.

Um lugar cheio de histórias, assim é o prédio da Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul. Mesmo fechada ao público, com os salões totalmente vazios, livros e cadeiras tapados ou empilhados por causa da reforma, é impossível não imaginar quantas revelações e descobertas ocorreram ali. O prédio – inaugurado como parte das comemorações do Centenário da Independência em 7 de setembro de 1922 – tem uma beleza particular, claramente deteriorada pelo tempo, que mistura estilos diversos, entre eles o egípcio, o rococó, o gótico e o florentino.

A reforma vai custar cerca de 7 milhões de reais, captados via BNDES e Lei Rouanet. A próxima fase irá recuperar os salões Egípcio e Mourisco. Entre uma etapa e outra, enquanto os operários descansavam, tive a oportunidade de caminhar por estes espaços amplos e belos. Nas horas em que fiquei lá, muitas pessoas bateram à porta para perguntar se estava aberta. Percebi, então, como a Biblioteca faz falta. Imagino, nesses quase cem anos de funcionamento do órgão, quantas pessoas já não bateram àquela porta perguntando o mesmo. Afinal, lá estão as histórias públicas, as histórias de todos, não só do estado, mas de todo o mundo.

